

C. M. BARCELOS  
BIBLIOTECA

C. M. B.  
Biblioteca

C. M. B.  
BIBLIOTECA

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director honorário:  
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: *Campo 5 de Outubro. 39 - R/c*

Composto e Impresso na *Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS*

Editor: *João Baptista Cândido da Silva*

Director e Administrador: *ANTÓNIO BAPTISTA*

Redactores: *Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva*





# Na passagem do 2.º aniversário do «Boletim»

## Ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. João Duarte

(INDUSTRIAL ILUSTRE)

**A**NTES de fazermos pròpriamente uma reportagem sobre a TEBE não queremos deixar de tributar ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. João Duarte toda a consideração que merece, não só pela sua acção social como também pelas suas altas e invulgares qualidades de trabalho.

O Snr. João Duarte nasceu com uma intuição especialíssima para a indústria. De inteligência muito esclarecida, é hoje, sem favor, uma figura de marcante relevo na vida industrial portuguesa, principalmente no Norte do País.

Não queremos alongar mais as nossas considerações com receio de ferir a sua modéstia, limitando-nos a recolher de «O Século» os elementos que abaixo damos nota:

«O Snr. João Duarte é aquela pessoa que nasceu realmente com o raro tacto para a indústria; além de uma visão extraordinária com que chega a confundir os seus mais directos colaboradores, é dotado de uma singular sensibilidade industrial que merecidamente lhe dá uma justa posição entre os mais conceituados industriais portugueses. O seu nome não só é respeitado e querido por todos os que o conhecem e com ele privam, como também goza de grande prestígio nos centros financeiros onde transacciona.

A sua obra, como fundador de fábricas e orientador de gerências, tem hoje uma extensão já considerável e uma sensível projecção no crescente nível da indústria têxtil do País. Em Barcelos, onde por alturas de 1921, não existia sombra, sequer, desta indústria, foi o Snr. João Duarte o introdutor dela, e ainda nos nossos dias, mercê do seu poder criador, consegue, com um grupo de amigos, dotar aquela cidade com a TEBE — Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.<sup>a</sup>.

Posteriormente, fundou também, em S. Mamede de Infesta, a fábrica «FIL» — Fiação do Leça, Ld.<sup>a</sup>, — cuja gerência está a cargo, e muito bem, do seu genro, o architecto Gaspar de Sousa Coutinho, fábrica que, pelo modernismo da instalação e dos maquinismos,



Ex.<sup>mo</sup> Snr. João Duarte

bem pode considerar-se a elite das fábricas de fiação do País. A Fábrica de Malhas do Ameal, Ld.<sup>a</sup>, do Porto, bem conhecida das senhoras portuguesas, pela excelência dos artigos que produz, em meias de seda «nylon», é também uma fundação João Duarte, da qual ele é o principal director».

O Snr. João Duarte é bem um homem que merece o nosso mais justo e sincero affecto, porque é ele, quantas vezes, o orientador de planos que contribuem, de certo modo, para o engrandecimento da economia local.

O Snr. João Duarte, espírito moldado na disciplina no trabalho, também sabe dar ao trabalhador a palavra amiga e necessária juntamente com o auxilio monetário, ajudando, tantas vezes, a melhorar a desgraça de muitos.

Na nossa modesta qualidade de Director do «Boletim» e enquanto esta função nos for confiada, teremos sempre nos olhos e na alma a palavra justa e amiga do nosso sincero reconhecimento.

Todos que colaboram no «Boletim Social da TEBE» encontram no Snr. João Duarte aquelas qualidades que engrandecem os homens, porque o Snr. João Duarte, é, sem favor, um homem que se apercebeu, em toda a extensão da sua vida, que a função do industrial é mais vasta e mais ampla, que a limitação das suas manufacturas e consequente exportação.

Um industrial, digno deste nome, tem de encarar o problema do trabalhador com aquele carinho e respeito que as encíclicas dos Príncipes da Igreja ditaram e que têm de ser compreendidas...

A alegria no trabalho prova, sem controvérsia, que a produção aumenta e a saúde do trabalhador não diminui.

Todos estes factos, hoje mais do que ontem, têm merecido especial carinho ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. João Duarte a quem rendemos as nossas sinceras homenagens, agradecendo sempre a dedicação que tem dispensado ao nosso humilde «Boletim».

A. B.

**A** propósito de uma história que ouvi há dias, e que não resisto à tentação de contar aos leitores deste interessante «Boletim», vou abordar um assunto que julgo ter actualidade, pois sendo de sempre, hoje mais do que nunca, deve ser encarado com todo o cuidado.

Um «chauffeur» de taxi, porque a vida lhe corria regularmente, sonhou para seu filho um caminho de glória. O pai e a mãe à custa de muito trabalho e privações, matricularam o rapaz no Liceu, onde concluiu o seu curso. Em seguida foi à Universidade, donde saiu com uma formatura. Não havia sido fácil, mas o rapaz atirou-se árdidamente ao trabalho, e obteve o seu diploma. Tinha 26 anos, estava noivo, mas sem esperanças de casar, pois havia muitos formados, mas empregos...

É claro que não podia, naturalmente, dirigir um taxi, como

## Seja ambicioso, mas...

seu pai, ou ir para o balcão de uma casa de pasto, de seu tio. Isso seria renegar todo o sacrificio feito por ele. E assim, foi obrigado a concorrer a um emprego público, onde, illustre ignorado, se mantém com um vencimento modesto, para as suas ambições. O pai, encontrou um dia alguém que, sem qualquer formatura ou curso superior, tinha uma posição na vida. Tecnicamente falando, não era um homem instruído.

E como tivesse sabido dessa posição, advinda somente do factor «sorte», aquêle pai respondeu:

Parece que isso não lhe fez mal nenhum. Pelo contrario, o senhor até parece que teve muita sorte.

Via-se que tinha um ressentimento contra a instrução. Esta havia feito aquêle pai uma promessa falsa. Não podia compreender que, para seu filho, ele não havia escolhido o tipo de instrução adequado.

Um poeta chamou à ambição, a mais nobre das nossas fraquezas. É um estímulo que nos arranca da apatia natural e nos impele a fazer o impossível. Mas a ambição também pode ser um cruel aguilhão que nos espicaça, obrigando-nos a fazer mais do que nos permite a nossa capacidade natural ou a empreender coisas que poderão redundar num desastre para os outros e, no final de contas, para nós mesmos. Os Napoleões e os Hitlers foram

homens de ambição desenfreada. Morreram milhões para satisfazer a sua sede de glória. E eles próprios morreram na ruína e na infâmia.

Estes são casos extremos. Mas a estrada da vida está juncada de vítimas trágicas e inocentes — jovens de ambos os sexos que, seduzidos por padrões artificiais de sucesso, foram ficando à margem do caminho. O resultado é um pungente desilusão, uma vida útil mutilada logo no início por um sentimento de inferioridade e de fracasso.

O caso que acima relatamos teria um desfecho oposto se, por ventura, aquêle rapaz não tivesse nascido com capacidade suficiente para vencer as dificuldades dos seus longos estudos. Se ele, por satisfazer o pai, que adorava, tivesse fracassado, acabava desen-

(Continuação na pag. 3)



# EMPRESA TÊXTIL DE BARCELOS, L.<sup>DA</sup>

## Um empreendimento gigante na economia nacional

### Símbolo activo da indústria portuguesa, que honra, de modo relevante, a iniciativa particular

**Q**UANDO surgiu no nosso espírito a criação dum Boletim, duas causas fundamentais se coligaram: Levar a casa do operário da TEBE um pouco de cultura e distração e levar ao resto do País uma propaganda cuidada e criteriosa dos afamados produtos TEBE.

De início encontramos algumas dificuldades que a força de vontade, a persistência e o carinho da Gerência nos ajudaram a vencer...

E hoje, volvidos dois anos, eis-nos de novo a tributar a nossa sincera homenagem, aliás justa, aos directores da TEBE, que o mesmo é dizer aos seus sócios trabalhadores.

Ao passar o segundo aniversário recordamos o que deixamos impresso no número comemorativo do 1.º aniversário;

«A TEBE, na história da indústria nacional, ocupa hoje, sem favor, uma parcela de grandeza e caminha, segura das suas funções, para o revigoramento da Economia Nacional, ajudando a melhorar o nível de vida de centenas de famílias trabalhadoras do meio local.

A sua função produtiva é traduzível nestas palavras: A TEBE fabrica bem para servir sempre.

A TEBE começou a laborar com um punhado de operários, moldados e disciplinados dentro dos salutarcs princípios da humanidade cristã e hoje com perto de mil lembra uma colmeia de labor activo e constante, onde cada qual cumprindo a sua obrigação — a honrada função de produzir — encontra o seu sustento e dos seus.

A fundação da Empresa foi em 1946. Há oito anos apenas, contudo o seu nome, que o mesmo é dizer o dos seus produtos, encontrou nos melhores mercados nacionais inconfundível aceitação.

A área gigante da TEBE, que ultrapassa os sete mil metros quadrados possivelmente que, dentro em pouco, a continuar a aumentar assim, constituirá no núcleo fabril nacional, um lugar verdadeiramente sobrelevado de reflexos benéficos para a economia local.

O corpo directivo da TEBE, representado nas suas funções mais altas, pelos digníssimos sócios trabalhadores: Mário Campos Henriques, Luís Fernandes Pinheiro, António Guilherme Nunes Hall, Francisco José Faria Torres e Cândido Gonçalves Pereira, tem ajudado a levar mais longe e mais além as quatro letras TEBE, que representam, com verdade, o orgulho, a tenacidade, o poder de realização dos que tem contribuído para o seu fomento.

A TEBE vai abrindo, pouco a pouco, novos horizontes aos que com ela cooperam e vaticina-lhes um melhor futuro. Oxalá que sempre sejam assim.

«Boletim Social da TEBE», que encontrou sempre no Sr. João Duarte um amigo sincero, envia-lhe, respeitosamente, os seus melhores cumprimentos fazendo votos para que Deus lhe dê muitos anos de vida...

O Sr. Campos Henriques, figura dinâmica, profundamente enraizada à TEBE, ocupa hoje no seu mundo, um lugar de chefia, sendo estimado, querido e respeitado por todos os seus colaboradores.

Espírito aferido na escola do trabalho sabe compreender a vida dos trabalhadores e, por vezes, toma atitudes nobres, que calam fundo na alma dos seus subordinados.

Amigo leal e sincero do «Boletim Social da TEBE» foi, sem dúvida o Sr. Campos Henriques, que nos ajudou a conquistar esta posição que hoje ocupamos.

Certamente que o «Boletim» lhe deve em grande parte a sua existência e por isso incluímos o Sr. Campos Henriques na conta do nosso melhor amigo.

Por tais razões a Direcção do «Boletim Social da TEBE» entendeu por bem conferir-lhe, por unanimidade, o título de «Director Honorário» com que desejou agraciá-lo.

João Duarte, afeito aos grandes problemas, encontrou em Campos Henriques o homem que, vencendo obstáculos, seria o elo mais duro desta cadeia gigante que não poderá, de modo algum, com justiça e sensatez, partir um dia...

E assim os elos foram tornando mais forte esta cadeia, à qual vieram juntar-se outros elos nas pessoas dos sócios Snrs. Luís Fernandes Pinheiro, que, com a sua longa experiência, a sua activa colaboração e o seu poder metódico de trabalho, tem também ajudado a erguer o honrado nome da TEBE.

Também outro sócio tem actuado no sector comercial — o Sr. Nunes Hall que, no Porto, tem dispendido a sua actividade inteligente procurando sempre servir, com dignidade, o valoroso nome da TEBE.

Mas a cadeia, na sua extensão, precisa de elos, de mais elos, e assim dois outros nomes se aliam, numa fraternal comunhão de trabalho: Cândido Gonçalves Pereira e Francisco José Faria Torres, que, no sector técnico, aliados a Campos Henriques, contribuem para o maior e melhor nível de produção.

A todos os outros sócios da Empresa Têxtil de Barcelos, L.<sup>a</sup> enviamos os nossos melhores cumprimentos».

Quando falamos de TEBE surge no nosso espírito o que a imprensa nacional deixou escrito pelo que nos apraz registar algumas considerações do «Século»;

«A produção da seda animal é muito antiga e pode-se afirmar que Portugal foi dos primeiros países da Europa a fabricá-la, isto quando os árabes já de longa data se dedicavam a esta indústria que eles espalharam rapidamente por terras da Andaluzia e do nosso Algarve. O Norte seguiu o exemplo, lançando-se também abertamente no seu fabrico. As vistosas sedas lusitanas, levadas nas caravelas dos descobrimentos — veículos do comércio que se lhes seguiu por troca de produtos orientais, principalmente especiarias, ouro e pedras preciosas — conquistaram igualmente os mercados da África e do Brasil onde nos deram um lugar de destaque nesta espécie de transacções. As sedas portuguesas, pelos seus magníficos padrões, vistosas cores e perfeição de fabrico impuseram-se por toda a parte, concorrendo vantajosamente com as melhores que árabes e espanhóis exportavam para diversos países.

Depois apareceu a seda artificial, obtida pela extracção da celulose de diversas árvores. Portugal não se deixou ficar para trás, antes acompanhou a nova descoberta e começou a produzir seda de óptima qualidade, tão boa como a melhor que lá fora se fabricava, não tendo tido dificuldades em se apresentar nos mercados estrangeiros, nos quais fez verdadeiro sucesso com os seus produtos.

Isto não é de estranhar porque os portugueses sempre se afirmaram um povo de excepcionais aptidões para todas as artes e indústrias. O que se passou com as sedas, sucedeu igualmente com as lãs e os algodões e seus respectivos tecidos, que há muito não receiam confrontos em qualidade e perfeição com os mais categorizados dos outros países que os fabricam.

As malhas que abundam no mercado com a marca TEBE, que todas as senhoras tanto apreciam e preferem, são incontestavelmente as melhores que se fabricam pela sua superior qualidade



Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mário Campos Henriques

Quando se fala em indústria de sedas, lãs e algodões não se pode deixar de pensar na Empresa Têxtil de Barcelos, L.<sup>a</sup>, um estabelecimento fabril de grande categoria, conhecido em todo o País pela alta condição dos seus produtos, que o comércio adquire em larga escala e o público prefere por experiência própria visto que não encontra melhores. A marca TEBE identifica suficientemente os tecidos saídos desta grande fábrica porque não tem rivais. Com efeito, a fábrica TEBE caminha na vanguarda desta indústria, principalmente pelo que respeita à produção de malhas, especialidade em que é verdadeiramente exímia.

As malhas com chancela TEBE são inconfundíveis, em qualquer parte têm um cunho muito particular de perfeição, uma apresentação impecável, uma duração inexcedível, uma soma, enfim, de qualidades que as impõem à consideração do público mais exigente.

Pergunte-se a qualquer senhora de sociedade ou mesmo de condição modesta o que pensa dos produtos da TEBE, quer seja das



suas magníficas cintas, quer dos seus tules finíssimos das suas belíssimas camisolas, etc., e elas prontamente responderam que nunca compraram nada que se lhes assemelhasse, nada que tanto as satisfizesse, não só pela qualidade como pelo bom gosto e delicadeza dos tecidos empregados naquelas confecções. A fábrica TEBE é incontestavelmente uma organização modelar no género



Ex.º Sr. Luís F. Pinheiro

e os seus produtos são, sem dúvida a última palavra em perfeição de corte e de acabamento. Pode-se garantir afoitamente que competem e até por vezes superam os melhores e mais reclamados pelas grandes fábricas alemãs, espanholas e inglesas. São os próprios naturais desses países que francamente o declaram quando visitam as vastas e primorosas instalações da fábrica TEBE. As suas referências elogiosas excedem, por vezes, em calor e entusiasmo sincero as que lhe são feitas por visitantes portugueses.

A TEBE é, cremos, a única fábrica do País que produz tudo quanto é necessário para a execução dos artigos que fornece nos mercados nacionais. É uma organização com-



Ex.º Sr. Francisco F. Torres

pleta, como se vê, visto que não depende de outras fábricas estranhas. É este um dos segredos do seu êxito.

**As célebres cintas laváveis, sem costura, práticas, cómodas, elegantes, elásticas em todos os sentidos, são produtos «Tebe», auxiliares poderosos da esbelteza de um corpo feminino**

A Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.ª, fundada em 1948, começou por produzir simplesmente cuecas e ceroulas de malha. Era bem pouco, Mas o progresso foi rápido e

seguro. Hoje os seus produtos são numerosos, destacando-se as malhas em seda, em lã, e em algodão, de uso interior ou exterior, e não só para senhoras como para homens e crianças; as suas célebres cintas elásticas, em todos os géneros, laváveis, sem costura, únicas no País; os tules, de extrema transparência, em seda, algodão e «nylon»; os artigos de passamanarias para todas as aplicações; as meias e soquetes de seda, algodão e «nylon», para senhoras e crianças; os robes em alta costura, para senhoras e para homens, etc.

Para bem se avaliar do prestígio alcançado pelos produtos TEBE basta dizer-se que são muitas e constantes as encomendas que vêm do estrangeiro, principalmente da França, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Índia, Madagascar e Congo Belga, as quais não podem ser satisfeitas porque a fábrica, apesar da sua enorme produção, não pode abastecer outros mercados, além dos nacionais, que a absorvem inteiramente.

**O problema da assistência mereceu à empresa uma atenção especial, muito carinhosa, não só pelo que respeita ao pessoal operário como aos seus filhos**

Pelo que acabamos de dizer, pode aquilatar-se do escrúpulo que a empresa põe na admissão e manutenção do seu pessoal, ao qual presta uma assistência magnífica. Os filhos das operárias têm à sua disposição um lactário, com médicos próprios, independente da assistência da C. S. P. Tem um consultório médico regularmente montado, para atender todos os operários de ambos os sexos e seus filhos. No lactário, as crianças são devidamente cuidadas e alimentadas, enquanto as mães trabalham, e as que aleitam os filhos têm horas para o poderem fazer. As crianças têm brinquedos para se entreterem durante o tempo em que ali permanecem.

Em suma: a Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.ª, é hoje um estabelecimento industrial de primeira classe que honra o País e os homens que a criaram com o seu espírito de iniciativa e o seu entranhado amor ao trabalho. Os produtos TEBE impuseram-se pelo seu valor intrínseco e inigualável, alcançando uma aura de prestígio que nenhuns outros conseguem ultrapassar.

A fábrica, como dissemos, dispõe actualmente de cerca de 800 operários, mas dentro em breve deve ter ao seu serviço para cima de mil. Isto é o resultado natural de um trabalho insano e probo realizado por homens de excepcionais qualidades, animosos e confiantes, que não hesitaram em empregar os seus capitais, e bem avultados eles são, numa obra que o seu tino industrial havia de levar infalivelmente ao mais absoluto sucesso. Sem melindre para os restantes elementos da empresa, devemos mais uma vez salientar a actividade excepcional do Sr. Campos Henriques, principal sócio-gerente, a cujo dinamismo se deve em maior parte o progresso constante deste soberbo empreendimento fabril.

A fábrica é movida a electricidade fornecida do exterior. Todavia, não deixa esta empresa de se encontrar prevenida com uma magnífica central térmica para suprir as possíveis deficiências de energia, no caso de falta de corrente,

**O Clube Desportivo da TEBE e o seu «Boletim Social» são duas iniciativas muito interessantes dos empregados e trabalhadores da empresa**

O pessoal da TEBE tem uma interessante organização desportiva que se dedica especialmente ao quei em patins, mas também pratica outras modalidades de desporto, como

ciclismo, ténis de mesa, atletismo e campismo. Este clube, de organização recente mas em franco progresso, tem já conquistado algumas valiosas taças. É seu presidente o Sr. Joaquim Rodrigues, empregado dos escritórios da fábrica.

O clube publica um belo «Boletim Social», todos os meses, colaborado pelos próprios trabalhadores e empregados, excelente-



Ex.º Sr. Nunes Hall

mente apresentado graficamente e o seu texto é sempre oportuno e variado nos assuntos que interessam ao desporto e à literatura, que é magnífica e bem seleccionada. Esta publicação é superiormente dirigida pelo Sr. António Baptista, também funcionário da empresa, que é um apaixonado pelas letras, que cultiva brilhantemente.

Não se pode deixar de dizer que esta organização desportiva e o seu «Boletim Social» têm como notável impulsionador o Sr. Campos Henriques, director-gerente desta importante fábrica têxtil, que muito tem acarinhado as interessantes iniciativas do pessoal.

A TEBE tem escritórios, em Lisboa, na Rua Primeiro de Dezembro, 45, 2.º, telefo-



Ex.º Sr. Cândido G. Pereira

ne 22346, sob a direcção da firma Vilas & Vilas, associada da empresa; e, no Porto, na Rua Elísio de Melo, 28, 1.º, telefone 22933. O telefone da empresa, em Barcelos, tem os números 8359 e 8411».

Os Ex.ºs Srs. Mário Campos Henriques e Luís Fernandes Pinheiro são os gerentes principais da TEBE a quem dedicam as suas horas e a quem emprestam um pouco das suas vidas.

«Boletim Social da TEBE» quer deixar aqui o seu tributo, fazendo votos para que continuem à frente dos destinos da Empresa proporcionando-lhe longa vida e ainda sempre indiscutível prosperidade.

A todos os outros sócios também as nossas melhores saudações.

António Baptista



# Barcelos — Rainha do Cávado

## LIGEIROS APONTAMENTOS

A fundação de Barcelos é semelhante à de tantas cidades, de imensas vilas e algumas aldeias espalhadas por esse Portugal fora... Sempre a lenda a tecer-lhes encantos, sempre a história a descortinar-lhes grandeza... Sempre a luta de descobrir e conhecer...

Barcelos, aureolada de lendas e de feitos históricos, é bem uma cidade que a neblina dos séculos consolidou através dos tempos, trazendo-a até nós cheinha de monumentos, marcos perenes das civilizações de antanho, na moldura caprichosa de belezas gritantes na paisagem multicolor que se desenrola e se perde nas espirais do tempo.

BARC-ÉLLIUS, segundo duntas opiniões, parece oriundo da penetração finícia, ou melhor, cartaginesa, que, ao fim e ao cabo finícia era.

Mas seja como for e pondo de parte as mais variadas e discutidas opiniões, o que é certo é ser BARCELOS uma das mais antigas povoações da Lusitânia.

«Constituída a nacionalidade, logo no seu começo encontramos Barcelos vila da coroa com o mais remoto pergaminho — o *foral* — dado por D. Afonso Henriques em ano incerto mas fixável entre 1140 e 1146 porque nele já o bravo conquistador se intitula DEI GRATIA PORT. REX. mas ainda não estava casado com Mafalda de Sabóia, cujo nome se não lê no documento como era de uso na época (GAMA BARROS, Hist. da Adm. Pública)».

Portanto, logo no alvorecer da nacionalidade, mereceu Barcelos tão grande honra — o seu 1.º FORAL.

A Dona do Cávado tem um passado histórico que a engrandece bastante no desenrolar de factos que se iniciam em D. Afonso III e se continuam até D. Pedro I.

Barcelos empossada de *carta de alforria* inicia uma fase de incremento substancial na consolidação do seu primeiro condado.

«Barcelos orgulha-se de ter sido sede do primeiro condado territorial vitalício português».

De facto, quando pousamos os olhos sobre os escritos de há séculos, estes falam, com verdade, da Dona do Cávado, com um orgulho natural, tão humano e tão sincero, que aumenta em nós, à medida que os factos históricos se desenham, um culto sacrossanto pelas pedras velhinhas dos vetustos muros e monumentos desta cidade que o Cávado beija, numa sinfonia de encanto, na poesia bucólica dos seus costumes castiços, dos seus dramas de amor e das suas tragédias de sempre.

A Rainha do Cávado tem páginas que ficam para sempre na memória, tem feitos que se contam, de geração em geração, e se desenhavam com a alma a transbordar de fé numa sinfonia heróica, que é filha dilecta da nossa sensibilidade latina, do nosso temperamento rático, numa palavra, da nossa idiossincrasia.

O feito do Alcaide de Faria, que, Herculano, nas «LENDAS E NARRATIVAS», nos conta, é bem uma lição, bússola de ontem a falar até hoje, numa simultaneidade de força e de coragem, de amor pátrio consciente, na embriogénise duma certeza congénita:

— A CERTEZA DA IMORTALIDADE DA PÁTRIA.

Porém a época histórica que vai surgir apresenta-se-nos, por vezes de uma incerteza que gela a nossa sensibilidade.

«O Norte do reino, abrigado das invasões, defendido pelas linhas estratégicas do Tejo e do Mondego, não era desde séculos, teatro da guerra santa. As depredações, menos gerais e menos frequentes, provinham aí apenas das rixas dos senhores e das guerras civis.

Afonso II mandou arrasar as propriedades do arcebispo de Braga. As guerras entre os filhos de D. Sancho I, as comoções que acompanharam a queda de Sanche II, a rebelião armada de Afonso (depois

o IV) contra seu pai, o do viúvo de Inês de Castro, entre outras, trouxeram de certo ruínas e desastres, mas não para comparar com as assolacões do Sul, nem sequer com os males dos primeiros tempos, quando a ambição de conquistar a Galiza fazia do Minho o teatro das lutas quase constantes com Leão» (Ol. Martins).

D. Fernando nascido mais para amar e sonhar do que para dirigir, cedo começou a mostrar a sua negligência e, ao mesmo tempo, a sua fraqueza governativa.

A alma do país vive na angústia de uma interteza, porque como disse o nosso ÉPICO: «Um fraco rei faz fraca a forte gente». Portugal ressentia-se da influência do Rei e o calor patriota, embora longe de gelar, ia arrefecendo a pouco e pouco.

Vive-se uma crise que a história denominou «A CRISE DA INDEPENDÊNCIA».

«D. Fernando imprevidente e volúvel nem sempre assume a responsabilidade dos seus contratos e da sua palavra».

A esta sua atitude, por vezes incompreensível, responde Castela com as invasões criando dentro da nossa gente a imoralidade e o descrédito... Vivia-se assim nesta época da história.

Porém a alma lusíada ainda possuía aquele calor e aquele sentir capazes de transformar em momentos o desenrolar de marchas sinistras. E assim, pleno de grandeza, ébrio de amor pátrio, estóico e sublime, surge-nos esse vulto grandioso, que foi o Alcaide de Faria a quem Herculano tece página de rara beleza e incomparável grandeza.

Barcelos, portanto, tem um passado histórico que a enobrece e mais se orgulha ainda de ter albergado nos muros essa figura valorosa da raça que foi o Santo Condestabre, D. Nuno Álvares Pereira, hoje S. Frei Nuno de Santa Maria.

Como todos sabem D. Nuno foi o 7.º conde donatário de Barcelos e a sua obra pode traduzir-se ao longo da linha histórica dos Atoleiros onde os castelhanos tombam vencidos ante a força da fé que presidiu sempre e em todas as horas os momentos difíceis do grande Nuno Álvares. Ainda hoje existe a casa onde viveu o Condestabre, casa quatrocentista ostentando o braço dos Pereiras com a sua *crux florenciada*.

Para não nos alongarmos em mais considerações históricas tentemos mostrar, embora ao de leve, o que ainda resta desse passado e que atesta o valor de um povo que nasceu para lutar e sofrer, para trabalhar e cantar, que no campo onde os milheirais se perdem nas retinas ou os vinhedos que sulcam os caminhos e estradas numa passadeira extensa, que dá sombra e vinho... É assim este quadro que se desenrola nos nossos olhos.

(Continua na página 20)

## Cávado

Genuinamente português, o Cávado, que desde o Larouco até Esposende, estende o seu leito; é fonte apreciada de muitos turistas e ignorada de muitos mais. Sem sombra de dúvida, que a propaganda do nosso Cávado não tem sido acarinhada convenientemente.

Fértil, como rincão que o vê nascer e morrer, em belezas panorâmicas extraordinárias, não lhe dão, a importância a que tem direito, como das primeiras paisagens hidrográficas do País.

Conhecedor dele em parte e seu profundo admirador, ele que me perdoe, se não consigo dar forma, às ideias que dele faço.

Não sou eu, como modesto amigo do Cávado, que vou levantar do letargo em que caiu a sua propaganda turística; entretanto não posso deixar de focar os seus principais pontos paisagísticos, com o entusiasmo que se apossa de nós, quando defendemos uma causa, que se nos afigura justa. Todo ele belo, a sua beleza começa a tomar maior forma, a partir de Barcelos. Aqui, as



BARCELOS — Vista parcial de Barcelinhos



BARCELOS — Jardim das Barrocas



BARCELOS — Ponte sobre o Cávado

(Continua na página 20)





# PAGINA FEMININA

## O Lactário da TEBE e a sua função social

### D. Maria Augusta Vieira

Depois de prolongado sofrimento faleceu esta bondosa Senhora, irmã muito querida do nosso sócio Sr. Manuel Augusto Vieira e cunhada do Snr. João Duarte Veloso.

Dotada de uma grande inteligência era uma alma verdadeiramente caritativa, escondendo as suas grandes qualidades numa modéstia e numa simplicidade que a todos cativava.

«Boletim Social da TEBE» apresenta a toda a família as mais sentidas condolências.

### D. Maria Luísa Vasconcelos Pinheiro

Já o nosso «Boletim» se encontrava quase pronto quando recebemos a triste notícia do falecimento da Snr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa de Vasconcelos Pinheiro, filha muito querida do nosso sócio Snr. Luís Fernandes Pinheiro, a quem «Boletim Social da TEBE» apresenta cumprimentos do mais profundo pesar, pois compreendemos bem que a perda duma filha é um desgosto para o qual não há palavras de possível conformação.

A TEBE não descuida os graves problemas sociais que preocupam as classes operárias e por essa razão há muito já que nesta fábrica existe um esplêndido Lactário. Durante as horas de trabalho das mães, dezenas de pequeninos encontram naquele ambiente o carinho e o conforto de que necessitam e de que se veriam privados sem esta obra de assistência. Numa dependência ampla e arejada onde uma decoração simples e mimosa torna o ambiente alegre e agradável, uma quantidade já grande de pequenitos é ternamente vigiada enquanto as mães completamente sossegadas se entregam solícitas à sua tarefa diária.

O nosso Lactário, onde as condições materiais não faltam, tem obrigação de satisfazer completamente o fim para que foi criado, pois doutro modo seria até um paradoxo a sua existência se realmente ele não correspondesse inteiramente àquela alta função que norteou a sua fundação nesta fábrica.

É necessário hoje que as empresas não tenham um Lactário apenas para satisfazer uma exigência da lei, mas sim com o fim altamente humanitário que a justiça social exige e que os corações cristãos sentem como uma necessidade latente para uma harmonia e uma compreensão mais leal entre operários e patrões.

O Lactário tem como fim principal cuidar com o maior carinho as crianças que nessas horas se vêem privadas do aconchego dos braços maternos e da solicitude constante de suas mães, que lhe pressentem as dores ou os incômodos e que abnegadamente se sacrificam a cada instante para que ao seu filho nada falte e nada o magoe ou o aflija.

Aqueles que estão à frente do Lactário cabe uma missão deveras espinhosa pois a responsabilidade que pesa sobre os seus ombros é enorme se for bem compreendida e se tiverem a cultura necessária para abranger a multiplicidade dos problemas que num

Lactário bem organizado há a resolver, diariamente. Há problemas de higiene, de saúde, de alimentação, de descanso, de recreio e até de educação que é necessário solucionar separadamente para cada caso, pois os bebês não formam um rebanho submetido a uma ordem monotonamente igual para dez ou para cinquenta.

As mães estão verdadeiramente sossegadas se à saída do trabalho todos os dias encontrarem o seu filho alegre, saudável e cuidadosamente limpo; estarão igualmente sossegadas se o virem desenvolver-se normalmente. O Lactário da TEBE não descuida estes problemas e está superiormente orientado por dois médicos distintos que lhe dispensam o maior interesse e o maior carinho. O pessoal do Lactário para bem desempenhar a sua missão tem de cada dia se dispor a sacrifícios sem más vontades ou faltas de paciência. Cuidar dos pequenitos é um encargo que não exige, apenas, esforço físico, mas antes uma permanente boa vontade e uma solicitude quase maternal.

O Lactário da TEBE deve ser o ninho encantador onde dezenas de pequenitos passam o dia cercados de cuidados, respirando ar puro, recebendo o sol amigo que lhes traz vida e saúde, e tendo uma assistência permanente. Para isso foi criada esta obra de assistência não se poupando a Empresa a sacrifícios para que o seu funcionamento seja exemplarmente bem organizado.

Creemos bem que todas as mães operárias se sentem reconhecidas e satisfeitas com o Lactário ao qual, confiadamente, entregam durante tantas horas os pequeninos a quem tanto querem, e que de outro modo ficariam entregues a quem calhasse, muitas vezes, ou, até sôzinhos, muito tempo, expostos a todos os perigos e sujeitos a todas as doenças.

Um Lactário é pois um benefício tão grande que só as mães verdadeiramente o podem apreciar.

x

## CORRIGENDAS

Por nos ser inteiramente impossível fazer uma revisão cuidada dos originais, dada a nossa ausência, em férias, apareceram entre outras as seguintes gralbas que pedimos o favor de nos perdoarem.

PÁGINA 10

- 1) Onde se lê recortar deve ler-se recordar (2.<sup>a</sup> coluna).
- 2) Onde se lê altas deve ler-se alto (3.<sup>a</sup> coluna).
- 3) Onde se lê cadeiras deve ler-se cadeias (4.<sup>a</sup> coluna).





# MISCELANEA

## Alminhas

O livro «Alminhas» do nosso estimado colaborador e amigo, Snr. P. Francisco de Babo já vai na terceira edição. Não queremos deixar passar este acontecimento sem lhe expressarmos as nossas mais sinceras felicitações, agradecendo as amáveis referências que faz ao «Boletim Social da TEBE» e que, de grato gosto abaixo publicamos:

«A Campanha dos nichos é fogueira do ano Mariano — Maré alta das «ALMINHAS».

Graças a Deus! Cada dia cresce mais o movimento. Sobem a maré. É consolador verificar-se o entusiasmo que vai pela província. Tantos factos denunciadores de que se estão fazendo apóstolos ou que surgiram ex abrupto, deixando-se empolgar da ideia, só porque pousaram os olhos nos pobres artigos de «Novidades» ou outros jornais.

Nos intervalos das sessões da SEMANA DE ESTUDOS PASTORAIS, no Porto, em que trezentos ou mais sacerdotes da diocese tomaram parte, éramos de continuo assaltado por tantos deles, que falavam das suas realizações ou seus projectos, ou pediam opiniões, ou revelavam propósitos acerca da erecção de novos nichos, a ponto de termos a visão panorâmica de praticamente não haver que o fogo dos nichos

## Publicações recebidas

Temos recebido, com regularidade, os seguintes jornais:

«O Pejão», «O Despertar de Coimbra» o «Boletim da FIL» e variadas publicações do S. N. I.

As fotos e zincogravuras inseridas neste número são todas propriedade do «Boletim Social da TEBE».

Os desenhos deste número são, na sua maioria, do Prof. Gonçalves Torres.

das *Alminhas* não abrasasse. Bendita fogueira!

E de Bragança, onde o «Mensageiro», semanário diocesano, se lançou arduamente na campanha, chegam-nos as mais animadoras notícias.

Barcelos, desde o início, quis ser pioneiro e paladino

O «Boletim Social da TEBE» naquela cidade tem incendiado a urbe e seu termo.

E seria um nunca acabar, se mencionássemos os órgãos da imprensa regionalista que abraçaram a ideia com fervor, logo lhe denotando o carácter extruturalmente nacionalista e cristão e de tão suave rescendência poética».

## A propósito da palavra ABSTER-SE

(Uma resposta a uma pergunta)

ABSTER-SE exprime a acção sem referi-la ao sentimento que pôde acompanhá-la; *privar-se* supõe apego à coisa e pena de não poder gozar dela. — Fácil nos é abster-nos do que não conhecemos, nem amamos, nem desejamos ou nos é indiferente; com dificuldade nos privamos das cousas que conhecemos, nos agradam, de que gozamos ou queremos gozar. Podendo o bêbedo beber, caso raro é que se prive de vinho, porém o homem de razão abstém-se dele quando sabe que lhe é nocivo.

Vemos que abstinência supõe que podemos gozar de uma coisa, mas que por certas razões dela nos abtemos, e assim se entenda ser voluntário. A privação é de ordinário forçada, pois temos desgosto e ainda pena de nos vermos privados daquilo que muito desejamos lograr. — Para o que prefere a sua saúde aos prazeres, a abstinência não é na realidade privação mas para o que prefere os prazeres a sua saúde, a abstinência é também privação.

Dos S e peitetos de

J. Roquete e José da Fonseca

O «Boletim Social da TEBE» é feito por trabalhadores para trabalhadores

## Adágios respeitantes ao mês de Agosto

Primeiro de Agosto  
Primeiro de inverno.

Lá vem Agosto  
Com os santos ao pescoço.

Água de Agosto  
Açafrão, mel e mosto.

Quem não debulha em Agosto  
Debulha com mau rosto.

Quem em Agosto ara  
Riqueza prepara.

Em Agosto os montes  
Em Setembro os frutos.

Queres teu marido morto  
Dá-lhe couves em Agosto.

Por S. Lourenço (10 de Agosto)  
Vai à vinha e enche o lenço.

## A propósito dum concurso na Emissora Nacional

Uma resposta em quatro versos

Esta ideia bem vista  
Por quem tem olhos p'ra ver  
Pode vir a dar «faisca»  
Àquele que concorrer,

A. Nunes de Freitas

PINHEL

## PALAVRAS DE SUA SANTIDADE PIO XII

«Não deixeis que no meio de vós se apague nem afrouxe a voz insistente dos Papas das Encíclicas sociais. Guardai a nobre chama do paterno espírito social que há meio século, luminoso e brilhante, desde Leão XIII, acendeu os corações dos homens. Alimentai esta chama, avivai-a, dilatai-a, levai-a a toda a parte onde se eleva para vós um gemido, um grito de miséria, uma voz de dor. Reavivai-a sem cessar na fogueira de amor que arde no coração do Redentor».

Manteira Guimarães, Filha, Limit.<sup>da</sup>

Papel, Papelão, Cartão — Objectos de Escritório — Armazém Importador

86, Rua José Falcão, 96

PORTO



## Seja ambicioso, mas...

(Continuação da página 2)

volvendo-se nele um complexo de inferioridade, que o levaria certamente a um sanatório ou a uma casa de saúde. E se algum dia conseguisse voltar a encontrar-se, entrando de novo na vida normal, poderia então seguir o seu destino e procurar o lugar que o seu coração havia escolhido.

Caso contrário, carregaria sempre no seu espírito com esse sentimento de fracasso e de culpa, em relação ao pai, que por sua vez nunca se daria conta do quanto foi culpado nem perdoaria ao filho por não ter sabido corresponder às exigências impossíveis que ele lhe impôs.

Creio que a origem dessas tragédias, e eu conheço um caso verídico, repousa na falsa concepção que fazemos daquilo que constitui o sucesso na vida. São precisos homens e mulheres bem sucedidos, pessoas felizes e estáveis, bem orientadas, seguras de si mesmas e do seu lugar na vida. Não são precisos os neuróticos, impelidos por uma convicção íntima e injectada neles, de que o seu lugar é algures onde não estão, sempre mais elevado e grandioso.

A sociedade precisa de certos profissionais — médicos, advogados, engenheiros, arquitectos, banqueiros, professores. Mas precisa também de bombeiros, mecânicos, jardineiros, varredores de ruas. Todos os bons trabalhadores precisam uns dos outros. O essencial é que sejam bons. A íntima relação dos seus esforços honestos, constitui a estrutura

básica da nossa vida quotidiana. Uns e outros têm igual direito ao sucesso e cada um ao respeito dos outros.

O que são de condenar são as ambições infundadas daqueles que, baseados numa falsa auto-estima ou numa falsa apreciação dos verdadeiros valores, enveredam obstinadamente por caminhos que não se encontram devidamente equipados para trilhar.

Muitos dentre nós, às vezes, especialmente em negócios ou política, sacrificando amigos e princípios, implacáveis e sem quaisquer exemplos, atingimos imerecidamente um alvo que escolhemos. A essas pessoas, os franceses chamam «arrivistes» — um nome que não cheira bem. Tenho a impressão que a maioria das dificuldades internacionais são devidas a essa espécie de vendedores «custe-o-que-custar», os quais, espicados pela ambição e ajudados por seus vícios, galgaram posições onde a sua falta de cultura e capacidade básicas os tornaram destrutivos.

Certamente que não devemos almejar para nós ou para os nossos filhos, um objectivo abaixo do que nos permitam as nossas aptidões. Todos temos o direito e até mesmo o dever de aspirar algo superior a nós. Mesmo que nunca venhamos a tornar-nos tão bons como gostaríamos de ser, é de boa política para nós, que continuemos tentando.

E algumas vezes encontramos o tesouro que procuramos.

J. F.

A linha da mulher elegante reside, sem favor, na arte diária do uso duma cinta **TEBE**.

Porque uma cinta **TEBE** engloba em si os seguintes predicados:

Elegante  
Prática  
Cómoda  
e  
Lavável

E tudo isto reunido forma a mulher adorada, a mulher elegante... a mulher do séc. XX.

## Armazéns de Braga

Vieira & Costa, L<sup>da</sup>

Papéis Nacionais e Estrangeiros. Artigos de Escritório.

Representantes em Braga dos afamados vinhos

**MESSIAS**

Largo dos Penedos, 56-57

Telefone 2053

# S A M E T I L

Um medicamento honesto  
ao serviço dos eczemas...

# S A M E T I L

em líquido e em pó.

À venda nas principais farmácias

## Figuras da História

Por M. L.

**A** FONSO DE ALBUQUERQUE, vice-rei da Índia, é uma das figuras gigantes que avulta nas páginas brilhantes da História de Portugal.

Sucedeu, a D. Francisco de Almeida, no governo da Índia e o seu plano para a instalação das bases dum verdadeiro Império Português no Oriente era de tal modo grandioso que ainda hoje causa assombro e serve de modelo aos povos que procuram conservar as suas possessões ultramarinas.

Primeiro conquista Ormuz, na entrada do Mar Vermelho, fechando assim aos turcos o acesso ao Índico, depois com a tomada de Malaca fica com a chave de toda a navegação para a Índochina, China, Japão, Molucas, Java e todo o Extremo Oriente.

Para capital do seu império escolhe Afonso de Albuquerque, a cidade de Goa que conquista em 1510 depois de alguns meses de luta heróica. Com a tomada desta cidade obtém Afonso de Albuquerque a aliança do rei de Cambaia, do rei do Narsinga e até do rei Calicut. Entre Ormuz e Malaca com Goa ao centro para capital do novo império, funda Afonso de Albuquerque o poderio naval e militar portugueses que constituiriam os alicerces nos quais tencionava assentar a execução do seu plano gigantesco.

Com este grande Vice-Rei, o domínio português no Oriente atinge o maior esplendor que se manteve ainda alguns anos graças à projecção brilhante dos feitos e do governo de Afonso de Albuquerque, cujo pensamento era bem diferente do seu antecessor. Para Afonso de Albuquerque o poderio naval e militar não era apenas para garantir aos portugueses o monopólio do comércio com o Oriente, ele sonhava com a fundação dum verdadeiro império conquistando terras e atraindo os povos à gente lusitana, cristianizando-os e integrando-os gradualmente na nossa civilização.

Albuquerque, notável como guerreiro, não o foi menos como

administrador. Respeitando as instituições locais, os usos e costumes das várias gentes desde que não fossem contrários à lei natural, era o próprio a chamar os naturais a colaborar na administração e conservava intactas as comunidades locais. Instituiu Misericórdias, Hospitais e Escolas e confiava a evangelização e a educação dos Índios aos Missionários que constantemente partiam da metrópole, ansiosos de conquistarem almas para a Fé Cristã. O espírito de justiça de Afonso de Albuquerque era reconhecido por todos que estavam sob o seu governo. Nunca hesitou em castigar os portugueses que de qualquer modo tivessem lesado ou ofendido os indianos.

Para ser mais completa e mais forte a absorção das populações locais fomentava o casamento dos Portugueses com mulheres indianas. Foi Afonso de Albuquerque que proibiu a prática do bárbaro costume do sati, que consistia em queimar as viúvas na pira juntamente com os cadáveres de seus maridos.

Afonso de Albuquerque foi o verdadeiro fundador do nosso Império na Índia, porque a ele se deve o nascimento duma nova estirpe — a luso indiana.

Afonso de Albuquerque é um símbolo do povo português que ambicionando estender o nosso domínio por tantos povos, conquistou-os não só pela força das armas, mas sim pela grandeza do seu espírito generoso que a todos levou as primeiras luzes da civilização ocidental.

Para Afonso de Albuquerque os povos subjugados não eram escravos mas sim seres humanos com uma personalidade distinta a quem se oferecia uma civilização com costumes mais adiantados e com leis humanas e justas.

Afonso de Albuquerque morreu em 1515, à vista da cidade de Goa, onde os próprios indianos choraram a sua morte e onde um monumento grandioso perpetua ainda hoje o seu nome e os seus feitos.



# O TRABALHO

## FONTE DE RIQUEZA E DE ALEGRIA

Do trabalho do operário nasce a grandeza das nações — *Leão XIII.*

O homem nasceu para trabalhar como o pássaro para voar  
— *Livro de Job*

O prazer no trabalho aperfeiçoa a obra — *Aristóteles.*

Trata o teu inferior como queres ser tratado pelo teu superior  
— *Sêneca*

§ O homem que trabalha merece o respeito e a consideração dos seus semelhantes pois é à custa do seu próprio esforço que ele ocupa um lugar definido na sociedade a que pertence e é ainda pelo seu labor diário que consegue manter a família com o máximo de conforto que pode ambicionar para a sua classe. Todos os trabalhos são dignos para o homem honesto que acima dos seus caprichos ou tentações põe sempre o ideal superior do Dever. Trabalhar não é passar as oito horas obrigatórias com o pensamento cheio de ocupações várias mas sim entregar-se completamente de corpo e alma à sua tarefa para executar com o cuidado devido pois, só assim, será um operário leal. Trabalhar sem atenção, sem cuidado ou sem escrúpulo é ser desonesto porque recebe um salário que não merece e, porque, engana, quem lealmente nele confia e lhe paga como se fosse merecedor dessa confiança. O homem que trabalha nunca é um escravo porque do seu trabalho recebe, sempre, a recompensa e ainda porque se dignifica.

Escravo é apenas o homem que se submete inteiramente aos seus vícios porque se avilta e degrada até ao ponto de não ter vontade própria e de ser um estorvo para a família e para a sociedade, que o ridiculariza.

O homem que trabalha com honestidade chega ao fim do dia satisfeito ainda que esgotado pela fadiga física. Essa alegria que lhe enche a alma reflectir-se-á no ambiente familiar, onde é tão necessária a boa disposição como o pão de cada dia, porque na desordem e na desavença não se podem criar filhos que sejam, no futuro, bons cidadãos.

O operário deve ter orgulho em ser um trabalhador, pois a sua missão é tão digna como a do engenheiro ou médico. Cada um na sua ocupação, quando a serve com brio, não recua ante os sacrifícios ou as contrariedades, porque, a satisfação íntima, do dever cumprido, é bastante para fazer dissipar as amarguras que, muitas vezes, se recebem injustamente.

Trabalhar não é uma obrigação imposta pela sociedade, mas antes uma condição natural da existência, pois, mesmo o homem rico, que pode passar uma vida ociosa, procura sempre uma ocupação para o corpo ou para o espírito. O homem preguiçoso e vadio não é um ente normal, é uma aberração da própria natureza. O trabalhador honesto é pois um ente digno da consideração da sociedade e do reconhecimento da Pátria que se engrandece pelo trabalho de um povo simples, que canta alegre porque o trabalho lhe desanuvia o pensamento e lhe enche a alma de satisfação.



UMA DAS SECÇÕES DA FÁBRICA TEBE

## Visita dos Gerentes comerciais da Praça de Lisboa à TEBE

Tendo-nos sido fornecida a relação dos empregados que constituem as comissões organizadoras dos festejos em honra da distinta caravana que visita a TEBE, formulamos votos para que todos levem as mais gratas recordações.

As Comissões ficaram assim constituídas:

Organização do jantar — *Gerência*

Concurso — *Grupo Recreativo*

Ornamentações — *Armando Coutinho, Jaime Ferreira, Jorge Nunes e Adriano Faria*

Montagem de barracas — *Manuel Cibrão, João Figueiredo, Manuel Lima, Manfredo Silva, Fernando Pedras, João Cândido, António Augusto, António Figueiredo da Silva, Manuel Gonçalves e José Freitas*

Canto e Danças — *Eduardo António da Silva*

Organização do Teatro — *Manuel Fernando de Sousa*

## Concurso do vestido de chita

Para este concurso, foram atribuídos os seguintes prémios:

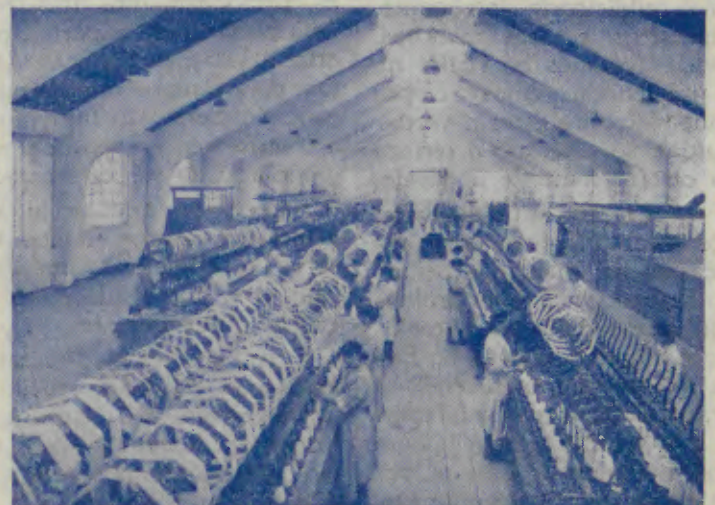
- 1.º — Máquina de costura
- 2.º — Rica parure completa com 3 peças
- 3.º — Parure de 2 peças
- 4.º — Combinação malha de seda, com aplicações de renda
- 5.º — Combinação malha de seda
- 6.º — Meia dúzia de calças de malha de seda
- 7.º — Três pares de calças de malha de seda
- 8.º — Idem
- 9.º — Uma Combinação malha de seda
- 10.º — Idem

As concorrentes classificadas desde o n.º 11.º até ao n.º 19.º, receberão prémios de consolação.

A máquina de costura «Caser» que será atribuída à concorrente classificada em primeiro lugar, foi uma gentil oferta da casa M. CARVALHO DE ABREU, do Porto.

Todos os restantes prémios para este concurso, oferecidos pela Gerência da Empresa Têxtil de Barcelos, Lda. são constituídos por artigos fabricados com a marca **TEBE**.

O júri formado para a atribuição dos prémios acima mencionados, será constituído por alguns dos Gerentes comerciais das casas de Lisboa, que se encontram de visita à Fábrica **TEBE**.



OUTRA SECÇÃO DA FÁBRICA



# A razão de ser do nosso «Boletim» e outras considerações

Por ANTONIO BAPTISTA

O nosso «Boletim», filho duma vontade e duma certeza, caminha na senda, por vezes espinhosa, de levar a casa de cada operário um pouco de conforto espiritual e também um mínimo de distração e de cultura.

Encontramos, no início, vontades bem aferidas que nos compreenderam e encorajaram, incitando-nos a não desanimar.

E se o «Boletim Social da TEBE» mereceu, no princípio, determinado carinho e conforto, é certo também que alguns não acreditavam que ele vingasse de facto.

Volvidos 2 anos, o «Boletim Social da TEBE» caminha seguro, senhor de uma função sublime, traduzida na continuidade de levar a casa de cada trabalhador esse mínimo de cultura e distração a que tem direito e que ele, hoje mais do que ontem, sabe apreciar, divulgar e quase já não dispensa.

Mas o «Boletim», como todas as manifestações do espírito, precisa de uma melhor compreensão de todos, de mais carinho e de mais justiça. Mas para podermos caminhar seguros, sem intrigas maninhas a toda a hora e em todos os sentidos, sem ciladas e sem receios, é mister que cada encarregado digno deste nome continue a ver sempre nas colunas do «Boletim Social da Tebe» a mensagem da união, do respeito, do carinho e da compreensão.

Nunca pensamos, não pensamos hoje, nem certamente pensamos amanhã em nos servir do «Boletim» para menosprezar este ou aquele. Nunca reservaremos no nosso espírito as muitas ingratidões; os inúmeros desgostos e tudo mais que por dedicação ao «Boletim» houvermos de sofrer.

Mas além de todos esses desgostos, o «Boletim» continua, (enquanto a gerência da Tebe o entender) a ser a mensagem viva de uma publicidade inteligente, sem exageros e sem mentiras. E quando focamos a TEBE na parte publicitária temos sempre em linha de conta dizer a verdade, porque só esta leva a certeza e só a certeza convence a dúvida.

Por estas razões, a publicidade, por nós encadeada, leva, como te-reis ocasião de analisar, a distinção da sua presença, num prolongamento que começa em Barcelos e vai até algumas nações da Europa e da América, merecendo já do Brasil algumas palavras judiciosas e sinceras, principalmente do Real Gabinete de Leitura, cenáculo duma metrópole em próspero desenvolvimento, e que sabe cimentar, perpetuar e engrandecer

todas as manifestações das letras... inclusivé as do nosso «Boletim».

Portanto a nossa publicidade, por vezes solicitada do Porto e Lisboa, e aparentemente insignificante, vai-se erguendo, recordando, projectando mais e sempre, em slogans inéditos, duma beleza venácula, tornando a palavra TEBE

tadora da calúnia e da intriga, que surge em todos os climas e em todos os lugares...

Por vezes, infelizmente, fazem-se comentários em surdina, propalando-se o boato nefasto e cor-



O Sr. Luís Pinheiro, sócio da TEBE, na sua habitual secretária de trabalho

como um simbolo da indústria têxtil nacional.

Não podíamos nós eximir-nos a traçar, com verdade, a evolução do nosso jornal, portanto, eis-nos a recortar mais as vitórias e as alegrias, do que as tristezas e as incompreensões, que bastantes foram... e certamente serão ainda.

E hoje, volvidos dois anos, o nosso modesto 2.º jubileu será apenas solenizado com mais um número especial a que alguns dos nossos estimados fornecedores quiseram associar os seus nomes, deixando aqui, bem vivos, os prolongamentos fraternos de uma publicidade superior, porque cria beleza, exalta a verdade, e fica para sempre como a recordação consciente do indivíduo que a transformou em realidade na magnificência da sua divulgação.

Parece-nos que neste sector, como nos outros, temos sabido servir o «Boletim», imprimindo-lhe, com boa verdade, só elevação e só desinteresse.

E se, por vezes, limitamos a ampliação da nossa ideia e da nossa imaginação é porque, infelizmente, quantas vezes, recebemos — como já nos tem acontecido — a incompreensão e a falta de grandeza de alma de uma minoria... a eterna minoria fomen-

ruptor, intriguista e nojento, de que o «Boletim» é exclusivo de A ou B. Isso é a mais infamante calúnia, porque é uma mentira palpável, porque é a negação do próprio desejo que animou o autor destas linhas. O «Boletim» é da família TEBE e de todos quantos, de alma erguida ao altar, a ela queiram juntar-se.

O «Boletim» não é, nem será jamais — enquanto a direcção nos for confiada — o fomentador da desagregação, o iniciador da discórdia, a corporação fermentada da vingança. Eis porque nem sempre o «Boletim» é aceite por aquela minoria.

Evidentemente que não publicaremos assuntos ou temas que não se coadunem com os bons princípios formais da língua e do bom senso. Procuramos sempre, com toda a paz da nossa alma, melhorar, o mais possível, o valor substancial do nosso «Boletim» e se nem sempre o conseguirmos não é por negligência nem por desinteresse, é, quando muito, às vezes, por falta daquele mínimo de disposição, que, infelizmente, há uns tempos a esta parte se arredou de nós, ou, melhor, de nós o arredaram.

Nunca quisemos também tornar o «Boletim» como pertença exclusiva da nossa direcção, mas nunca admitimos também que nos

pagassem com a ingratidão o sacrificio voluntário que até hoje trilhamos inteirados da nossa difícil missão, defendendo sempre e da melhor forma, os interesses da TEBE tanto com o nosso labor probo e honesto, tanto com as nossas convicções e os nossos princípios.

E se nem sempre conquistamos o caminho desejado foi porque nem sempre também o tempo se desdobrou em Sol e a verdade por vezes envolta duma névoa escura tentou esconder, por vezes, os verdadeiros acontecimentos...

Quero afirmar, portanto, que, se alguém de ânimo forte, de vontade dura, quiser segurar as cadeiras deste «Boletim», desde já pode contar com a minha boa vontade, e ficar ciente que lhe darei o melhor do meu esforço, do meu carinho, numa palavra, a continuação daquela vida que à minha vida roubei.

A Gerência da TEBE, corporizada nas pessoas dos ilustres sócios, Snrs. Campos Henriques e Luís Pinheiro, vai o nosso agradecimento pela boa vontade dispensada e pelos auxílios moral e espiritual com que sempre nos ampararam.

Para todos os anunciantes, colaboradores desinteressados, assíduos leitores e amigos, o nosso mais sincero afecto e a nossa indelével gratidão... A todos, o nosso preito de eterno reconhecimento.

## Recordando

### o nosso «Boletim»

O que nós dissemos, no ano anterior, ao encerrar o artigo cujo título era «O nosso Boletim»:

— «E o nosso «Boletim», pequeno farol, tem o direito de existir para iluminar com a sua luz, rútila ou fraca, todo o conflito humano que se desenha nos espiritos crentes determinados à sua influência. E hoje, volvido um ano, o nosso «Boletim» continua em marcha, crente que todos os homens com realidade possível o saberão acarinhar, porque ele, filho do trabalho, é de trabalhadores para trabalhadores...»

Este vaticínio nem sempre almejou o seu rumo intencional... Porque a vida nem sempre se desdobra em compreensão... e a vaidade balofa tolhe a verdade consciente...





# RUMOS

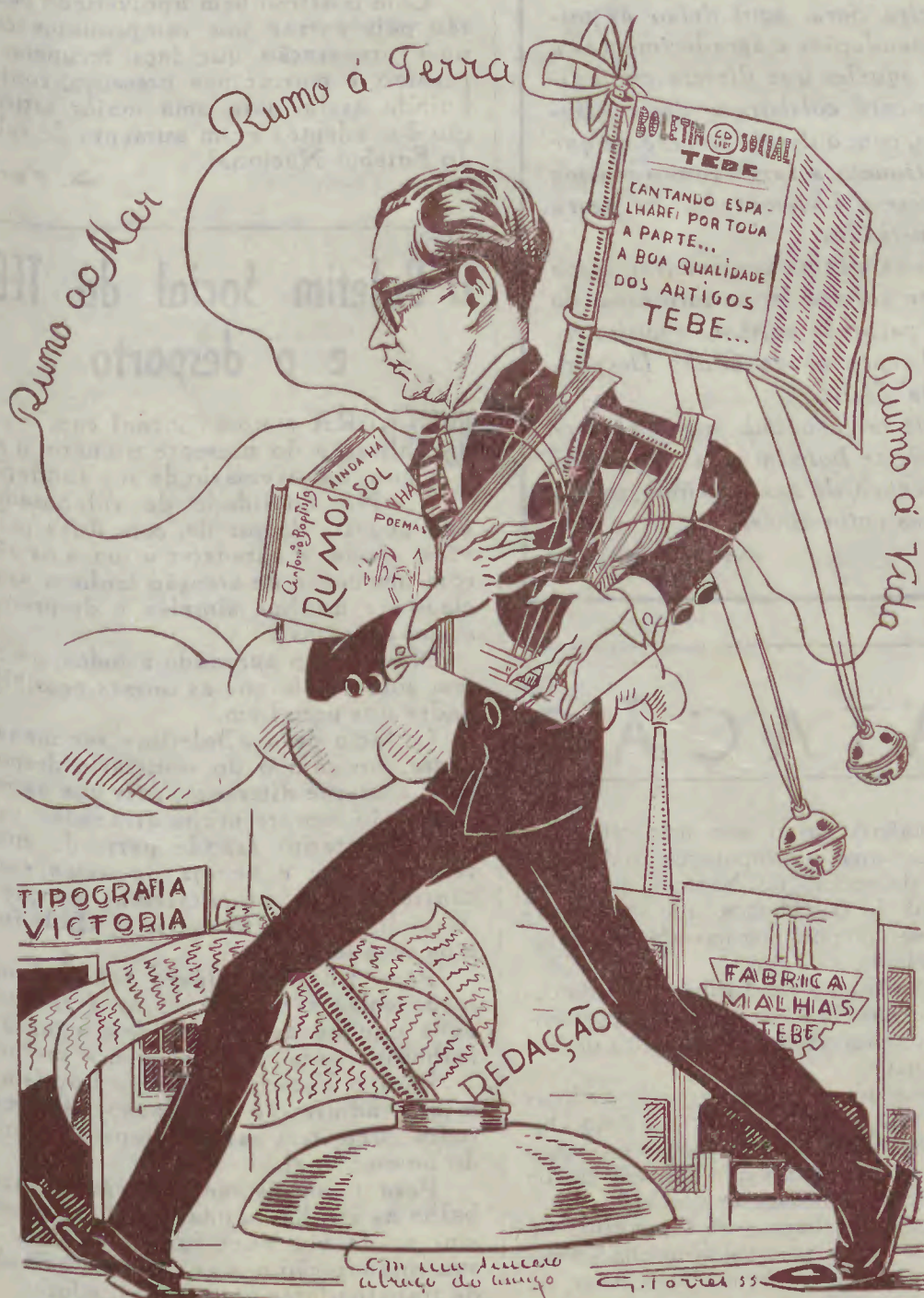
O Boletim da «FIL» referiu-se ao livro «RUMOS» nos seguintes termos:

«O talentoso poeta António Baptista, acaba de dar à estampa mais uma obra, esta denominada «RUMOS».

Conhecemos António Baptista há muitos anos. Desde sempre se nos apresentou como um verdadeiro poeta, vivendo apaixonadamente a sua forte inclinação literária. Os seus trabalhos são fruto de muito estudo, de muita aplicação e sobretudo de muita experiência.

Verdadeiro temperamento de artista, sente-se sempre insatisfeito com a galeria dos seus escritos. Aspira a fazer mais, um ritmo quase sem fim, impulsionado por uma grande paixão pela poesia (a eterna noiva do seu espírito moço).

«RUMOS» que a crítica acolheu com as mais lisongeiros referências, é um livro que fica a atestar a classe do autor. António Baptista teve, assim, ocasião de ver galardoados os seus méritos, já assinalados em obras anteriores. Não cabe, po-



Como Gonçaves Torres viu o Director do «Boletim Social da TEBE»

rém, no restrito âmbito desta Secção do Boletim, fazer uma análise — ainda que breve — à valia da publicação. A Imprensa e os críticos especializados já lhe deram o devido relevo; contudo, porque vemos em «RUMOS» um trabalho honesto e valioso, a seguir transcrevemos alguns trechos do livro ora aparecido.

## RUMO AO PASSADO

A todas as almas simples e boas, a todos a quem o peso dos anos vai curvando para a terra-mãe, dedico este grito da alma, escrito ao longo dos meus dias, através dos mais diversos e incríveis cenários.

Outrora, há milénios,  
eu era o mar a balouçar  
e a chuva a cair  
e o vento a sibilar...

Era talvez o espaço dos sentidos,  
a fuga etérea das canções,  
eu era, talvez, a lava dos vulcões  
e ninguém, ninguém me escutava...

Mas tudo muda e eu mudei,  
E hoje sou a voz que já não canta;  
mas grita, soluça e passa...

deixando na passagem universos  
de frutos, sobre os frutos  
dos meus versos...

## INCONFORMIDADE

A todos os infelizes e desprezados e àqueles a quem o mundo dos homens fechou todas as portas, dedico este poema, com os olhos postos em Deus e crente num melhor futuro.

Eu vi passar na rua aquele pobre petiz,  
descalço, enregelado, de olhar fito no chão...  
Do fato esfarrapado saltava uma expressão  
Profunda e insondável nas coisas que me diz...

De pés enlameados nas ruas deste mundo,  
Ele sobe o seu calvário em busca da verdade,  
Não teve brincadeiras, fugiu-lhe a mocidade  
E seu olhar silente é triste; mas profundo.

Não conheceu o pai... e a mãe morreu aos ais  
de tísica curvada... É só e pobrezinho...  
E do pão que lhe vão dando há sempre um bocadinho  
Para pobres mais pobres nos dias desiguais.

Dorme aqui e acolá, sem nunca ter morada...  
A mãe morreu bem cedo... fugiu-lhe a esperança,  
Deixou de ser petiz, deixou de ser criança  
E a vida agora é triste, é dura, é verminada...

E os homens tresloucados, em lutas fratricidas,  
Esquecem a verdade no húmus da razão  
E erguem nos espaços imensa aviação  
Para ceifar na gleba, milhões, milhões de vidas.

Talvez que assim a fome se torne irreal...  
E o mundo então desfeito se torne sepultura,  
De corpos só com ossos, cobertos de amargura,  
De balas de canhão e sangue universal».

Ao nosso prezado colega agradecemos a sinceridade das suas palavras.





Dirigida por José Pires Bigote

## CICLISMO

**T**ERMINOU a prova máxima do Ciclismo Nacional, a tradicional «Volta a Portugal», este ano organizada pela Federação Portuguesa de Ciclismo.

Cumpru em primeiro lugar fazer referência à nossa equipa, e ao seu comportamento na prova.

Constituída por quatro corredores, somente dois, os mais experientes, vieram a terminar a prova. A destacar a actuação de Gomes da Cunha que tem na verdade fibra de corredor, ressentindo-se, porém, duma preparação física insuficiente, para prova de tal envergadura.

Joaquim Sá veterano na prova fez o que pôde, sem atingir o nível que seria de esperar. De Fernando da Silva afastado da prova por vontade dum júri que só foi rigoroso onde não devia ser, não teve tempo de mostrar o que é capaz.

Quanto a Leal Pinto ficou bem demonstrado não ter envergadura para provas desta natureza.

Terminou pois a volta e todos nós já sabemos infelizmente a maneira bem pouco desportiva como decorreu a última etape.

Não podemos deixar de mostrar com profunda mágoa, a nossa repulsa por actos de verdadeiro vandalismo, praticados contra quem tão briosamente defendia as cores do seu clube e honrava o ciclismo nacional.

Hoje em dia o que interessa é ganhar e não a maneira como se consegue. Os factos verificados demonstram bem que a continuar assim o público desportivo enveredará a passos largos para um estado semi-selvagem.

Ponha-se o Desporto no lugar que lhe compete e não nos deixemos arrastar por facciosismos insensatos manchando o brilho das competições desportivas, com actos pouco próprios de homens civilizados que somos.

BIG.

## Oquei do Mês

**A**PESAR de termos retardado o mais possível a entrada do original desta página, para conseguir fornecer aos nossos leitores os resultados dos jogos da segunda volta do Campeonato Regional, bem como a Classificação Final do mesmo, foi inteiramente impossível.

A A. P. M. a quem tínhamos solicitado tal informação até agora nada enviou.

Desculpem-nos pois os nossos leitores esta falta de que não temos culpa.

## Aniversário

**M**AIS um ano decorreu desde a fundação deste modesto «Boletim», e com profunda satisfação se nota, que a sua posição cada vez mais se consolida. Justo é que assim seja, pois constitui uma iniciativa interessante, e um excelente veículo de cultura, para as centenas de operários da Fábrica de Malhas TEBE.

Na qualidade de colaborador da primeira hora, aqui deixo as minhas saudações e agradecimentos a todos aqueles que directa ou indirectamente colaboram neste «Boletim», com o desejo sincero de que o continuem a fazer com o mesmo interesse e boa-vontade, até agora demonstrados.

Nesta página continuarei como sempre a defender os interesses do oquei patinado minhoto e muito especialmente os do Clube Desportivo da TEBE.

Que no próximo ano o aniversário deste Boletim seja o testemunho seguro da sua continuação são os meus votos sinceros.

Pires Bigote

## NATAÇÃO

**N**ÃO poderia passar sem uma referência neste jornal, o comportamento dos atletas da secção de Natação do Clube Desportivo de Barcelinhos, que tão galhardamente se comportaram nas últimas provas da modalidade.

Afirmam os jornais diários que o Barcelinhos deu uma lição às restantes representações nortenhas na magnífica piscina da Póvoa de Varzim.

O Barcelinhos conseguiu criar valores para a natação nacional, pois que João Durrães se não descurar a preparação e o aperfeiçoamento do estilo, virá a ser sem dúvida um dos melhores nadadores nacionais.

As nossas felicitações ao Desportivo de Barcelinhos e aos seus valorosos nadadores que souberam elevar bem alto o nome do clube que representam.

B.

## Férias do Futebol

**[**STÁ quase a terminar o defeso do futebol. Mais uma época passou, e, como sempre, é nesta altura que se começa a trabalhar intensamente na aquisição de novos elementos e na preparação das equipas, por forma a proporcionar aos clubes que representam, uma boa classificação, e, às massas associativas, bons jogos.

Para os Clubes do Norte tem o facto um significado especial, pois que na passada época o futebol Nortenho sofreu rude golpe com a descida de divisão do Boavista e Vitória de Guimarães.

Com o defeso bem aproveitado poderão pois entrar nos campeonatos com uma preparação que faça recuperar o perdido, e marcar boa presença, contribuindo assim para uma maior satisfação dos adeptos e um aumento de valor do Futebol Nacional.

A. Faria

## O Boletim Social da TEBE e o desporto

**P**ELEBRA o nosso jornal com a publicação do presente número, o segundo aniversário da sua fundação.

Na qualidade de colaborador, não poderia deixar de, com duas palavras, saudar e agradecer a todos os que, com um pouco de atenção tenham apreciado as minhas simples e despreziosas crónicas.

Não teriam agradado a todos, porém tem sido aquilo que as nossas possibilidades nos permitem.

O facto de o «Boletim» ser mensal causa, no campo do noticiário desportivo, bastante diferença, pois que as notícias são sempre muito atrasadas, perdendo portanto grande parte do interesse; porém, e apesar de todas essas contrariedades, procuraremos sempre e da melhor maneira servir o «Boletim» e os seus leitores.

Para finalizar, quero lembrar aos meus colegas colaboradores a necessidade que há de continuarem sempre a trabalhar para um «Boletim» melhor.

Para o Director António Baptista a minha admiração e aplauso pela maneira como tem sabido manter o rumo do nosso jornal.

Para todos os meus colegas de trabalho as minhas saudações, e um desejo sincero de ver num futuro próximo a sua colaboração nestas colunas, que são de trabalhadores para trabalhadores.

A. Faria



## A nossa equipa

NÃO poderia passar o aniversário do «Boletim Social da TEBE» sem que se prestasse uma justa homenagem à nossa equipa de oquei em patins, que é sem dúvida a alma e a razão de ser do Clube Desportivo da TEBE.

Conjunto jovem, de grandes possibilidades, poderá vir a ser um nome de destaque se for convenientemente dirigido por um técnico da modalidade, que o oriente e ensine.

Uma ligeira apreciação aos seus elementos constituirá esta singela homenagem, que por motivos alheios à nossa vontade não vai acompanhada da fotografia da equipa, como seria de desejar.

Fazem parte do grupo de honra Arantes, Pedras, Manuel, Carvalho e Matos; a sexto Abílio.

Começaremos pois, como é natural, pelo guarda-redes: Arantes é um guarda-redes de valor, e que tem sempre sabido defender as cores do seu clube. Atleta ainda novo pode vir a ser um dos melhores guardiões do Minho o que sinceramente desejamos, e julgamos, será uma realidade.

Pedras, o nosso defesa, é sem dúvida o mais voluntarioso jogador da equipa. Excitável em excesso, e pondo nos jogos uma vontade férrea, é por vezes mal compreendido. Quando domi a os nervos é um defesa seguro e um elemento de valor no grupo.

Manuel Figueiredo—Médio de constituição física excelente e cheio de qualidades para praticar este desporto é capaz de fazer bom lugar, e fá-lo sem dúvida, mas imensamente prejudicado pelo seu temperamento calmo em demasia. O lugar ideal para ele seria o de guarda-redes.

Carlos Matos—O jogador mais jovem do grupo, e prometendo vir a ser um nome no oquei patinado. É um avançado de desmarcações rápidas e remate poderoso, faltando-lhe ainda patinagem.

Carvalho—Capitão da equipa e também muito novo, é o fulcro do grupo. Bom patinador e trabalhando bem a bola, é sem sombra de dúvidas um valor no oquei do Minho. Se quiser poderá vir a ser um grande jogador pois tem recursos para isso.

Abílio—O sexto da equipa, e também o mais velho, soube sempre representar o grupo o melhor que pode e sabe, quando dele se necessita. Não é jogador com actuações sempre acertadas porém em dias de inspiração faz bons jogos.

É esta a equipa do Clube Desportivo da TEBE que actuou no Campeonato Regional.

Mercê de circunstâncias várias, e da falta de sorte que jamais nos sorriu não conseguiu a classificação merecida pelo seu valor sobejamente demonstrado.

Melhores dias virão, e estamos bem certos que não estão muito longe.

Para vós pois rapazes aqui fica esta singela homenagem e um agradecimento sincero pela maneira como representastes o nosso clube.

BIG.

# O Clube Desportivo da TEBE

associando-se às homenagens que a Empresa Têxtil de Barcelos, L.<sup>da</sup> vai prestar aos empregados superiores dos seus clientes de Lisboa, vem saudar com simpatia os distintos convidados.

A  
Casa do Café  
tem aroma... óptimo café

## Noticiário

O Oquei Clube de Barcelos organizou pela primeira vez em Barcelos um torneio de futebol de salão.

É um jogo vistoso, em que se salienta o malabarismo dos jogadores, mas que no capítulo de emoção deixa a desejar por se tornar monótono.

Não queremos dizer com isto, que deixe de constituir um espectáculo agradável.

\*

Por ter de se deslocar para África, abandonou a Presidência da Associação de Patinagem do Minho o Snr. Mário Hercílio Valente, que durante algum tempo ocupou aquele cargo.

Desejamos-lhe uma boa viagem e as maiores prosperidades.

\*

Por afazeres profissionais pediu a demissão do seu cargo de Vice-Presidente da A. P. M. o Snr. Seguro Pereira, grande amigo do nosso Clube, e que foi nosso Delegado junto da A.P.M.

Lamentamos sinceramente que tal suceda, mas estamos certos que esta atitude foi tomada pela impossibilidade de tratar convenientemente os interesses da modalidade.

\*

A equipa de ciclismo do nosso Clube deslocou-se a Santo Tirso, para disputar um circuito ali realizado. Classificou-se em penúltimo lugar e conquistou a Taça «Futebol Clube Tirsense».

O último lugar coube à equipa do Sporting, sendo o vencedor Ribeiro da Silva, do Académico.

\*

Com a saída do Presidente e Vice-Presidente da A. P. M. cria-se uma lacuna directiva, difícil de preencher, pois que ambos foram elementos de valor e devotados trabalhadores.

Aguardemos que os restantes membros da Direcção se pronunciem acerca da melhor maneira de resolver o assunto, sem prejuízo para a modalidade.

\*

Segundo consta, vão ser organizados pelos Clubes de Barcelos alguns festivos de Oquei em patins.

Bom é que tal suceda, por forma a aproveitar-se o final do verão e a iluminação do Parque da Cidade, proporcionando ao mesmo tempo um bom espectáculo, pois que as equipas que se deslocarão a Barcelos são das melhores do Norte.

A

Sapataria Cunha  
DE Félix Luis da Cunha  
marcha suavemente

O desportista que se preza deve defender com brio as cores do seu Clube.



## 1.º Concurso — Regulamento — Decifração

**M**AIS de 100 postais... poderíamos ter recebido em resposta ao nosso pedido de sugestões para fazermos desta secção do «Boletim Social da TEBE», um agradável cantinho que prendesse um pouco a atenção dos nossos estimados leitores. Mas tal, não sucedeu... Paciência. Mesmo assim pudemos observar, pelos que nos foram remetidos e pelas perguntas que nos dirigiram e até por outros motivos, que a semente tinha sido bem lançada. Até houve quem se nos dirigisse a perguntar como é que se escrevia uma centena empregando os 4 noves... Só para mostrar a outra «colega» que conhecia o problema-advinha!

Vamos, portanto, satisfazer os nossos leitores e, oxalá sejam muitos, principiando por lhes dar a conhecer as decifrações apresentadas no nosso número de Julho passado.

Eis, portanto, as

### Decifrações do número anterior

#### I — Problema

R) — 200 páginas (referentes ao volume do meio).

#### II — Prova de argúcia

- 1) — Rabagão
- 2) — Praia das Maças
- 3) — Arronches
- 4) — Alcina
- 5) — Caria

#### III — Enigma

a) Poucas vezes a razão está do lado do mais forte, ou

b) O mais forte quando tem a razão do seu lado é duas vezes superior.

#### IV — Adivinha

$$99 + \frac{9}{9} = 100$$

#### V — Prova de paciência

Parto, prato, porta, tropa, topa, optar, raptó potra, tapor, trapo.

#### VI — Paciência cifrada

Quando um (1) individuo chega a um (1) bar e se senta (60) mas não manda vir nada (0) é porque ainda não se tenta (70) a matar a sede.

#### TEM A CERTEZA?

- A — Balzac  
 B — Salomão  
 C — Advogado  
 D — Inválidos  
 E — Manuelino  
 F — Viena  
 G — Azul  
 H — Henri Bessemer  
 I — Rowland Hill  
 J — Eduard Jenner, em 1796  
 L — Em Roma em 547  
 M — D. João V  
 N — Dez  
 O — Mozart  
 P — Aos fenícios  
 Q — Guilherme Tell  
 R — Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz

Como puderam verificar, não era nada difícil; bastava um pou-



### Secção dirigida por JAIME FERREIRA

Correspondência: L. Dr. José Novais, 16 — BARCELOS

co de paciência, uns gramas de matéria cinzenta em acção e posuir uma razoável memória. Aliás é nossa preocupação apresentar problemas de fácil solução compatíveis com a cultura e desenvolvimento intelectuais de uma grande parte dos nossos leitores.

Entre a colaboração recebida, tivemos ainda o prazer de registar o envio de «matéria prima» para um dos próximos números e cujos problemas serão integrados numa das séries do presente concurso. Agradecemos ao colaborador anónimo que teve a gentileza de nos enviar essa colaboração e pedimos-lhe que insista, pois a porta está sempre aberta para todos quantos pretendam colaborar connosco, em benefício do aumento de cultura do trabalhador em geral e em especial dos operários e operárias da TEBE.

É nosso intuito proporcionar-lhes um pouco de distração, amenizar-lhes o espírito e contribuir para desenvolver um pouco mais a sua cultura. É um objectivo de carácter nacional, pois ainda está em plena actividade a campanha de Educação de Adultos que o nosso Ministério da Educação em boa hora, pôs em acção.

E já que começamos e nos deram alguma coragem para continuar, vamos apresentar o 1.º Concurso oficial. A ele poderão concorrer todos os nossos leitores que assim o entenderem e para isso unicamente há que observar os limitados artigos do seguinte

#### REGULAMENTO

1.º — O «Boletim Social da TEBE», começa a publicar no seu número de Agosto de 1955 (número especial) uma série de problemas (palavras cruzadas, charadas, adivinhas, enigmas, etc.) devidamente numerados e constituindo uma série.

2.º — Este concurso tem a duração de 6 meses, isto é, termina com o número de Janeiro de 1956. Em cada um dos «Boletins» acima referidos será publicado um «Quadro dos Campeões».

3.º — Os três primeiros decifradores de cada uma das séries, verão o seu nome ou pseudónimo inscrito no referido Quadro.

§ 1.º — No caso do concorrente enviar as suas decifrações assinadas com pseudónimo, deverá enviar em separado e dentro de um envelope fechado, o seu nome próprio.

4.º — As decifrações deverão ser-nos enviadas até ao dia 15 do mês seguinte ao da publicação, para que seja possível efectuar a respectiva separação. As respos-

tas recebidas depois deste prazo não poderão ser consideradas.

5.º — Serão atribuídos prémios aos três primeiros vencedores que maior soma de pontos consigam obter e que no último número tenham o seu nome no referido «Quadro dos Campeões».

À obra, pois, argutos leitores!

#### I — Prova de argúcia

Forme com as letras seguintes, o nome que corresponde à respectiva indicação:

- 1 — DANAGUIA = Rio português
- 2 — ZERMESTO = Cidade portuguesa
- 3 — ADGIVO = Estância termal
- 4 — LOTESIR = Praia do sul
- 5 — JUSAO = Serra portuguesa

#### II — Prova de memória

O leitor lembra-se, de certo, do nome de certas personagens creadas por Eça de Queiroz; escreva o nome da obra que corresponde a cada uma. — Exemplo: Jacinto = A Cidade e as Serras —

- 1 — Gracinha
- 2 — Zé Fernandes
- 3 — Alencar
- 4 — D. Maria do Patrocínio
- 5 — Pimentinha

#### III — Adivinha

Se o leitor for engenheiro e certo nome escrever, tanto o pode conhecer como arbusto resinoso ou nome de uma mulher!

#### IV — Enigma

(Por inversão de letras)

Às direitas é medida  
 Às avessas dá só isto:  
 A César o que é de César  
 A Cristo o que é de Cristo

#### V — Rima de palavras

--- B ---  
 --- O ---  
 --- L ---  
 --- E ---  
 --- T ---  
 --- I ---  
 --- M ---  
 --- S ---  
 --- O ---  
 --- C ---  
 --- I ---  
 --- A ---  
 --- L ---  
 --- D ---  
 --- A ---  
 --- T ---  
 --- E ---  
 --- B ---  
 --- E ---

Na primeira coluna devem preencher-se os traços indicando nomes de mulheres; nas restantes, nomes de roupa interior e exterior masculina ou feminina.

#### VI — Hieróglifos comprimidos

A)  
 Outro Um

B)  
 P. P. P.

C)  
 ar  
 vo

D)  
 sol elo nota a

#### VII — Provérbios ocultos

1.º

P	F	D	S	N	L
2	2	2	2	1	2

2.º

P	G	M	G	R
2	2	2	2	4

Constitui esta advinha em descobrir quais os provérbios ocultos. Cada letra representa a inicial de uma palavra; e o número correspondente, que lhe fica por baixo, representa o número de sílabas dessa palavra.

#### VIII — TEM A CERTEZA?

A — De que côr são as estrelas da bandeira dos Estados Unidos da América? Vermelhas, brancas, azuis, prateadas, cinzentas ou pretas?

B — É capaz de recordar-se da nacionalidade da célebre espiã Mata-Hari? Seria alemã, francesa, italiana, holandesa, austríaca ou iugoslava?

C — A cidade de Beyreuth deve a sua glória ao facto de nela ter nascido um grande músico. Quem seria o genial artista? Mozart, Chopin, Bach, Wagner, Beethoven ou Sibelins?

D — E esta? Qual foi o rio famoso que César atravessou nas suas campanhas? O Pó, o Tibre, o Nilo, o Rubicão, o Sena ou o Danúbio?

E — Em que data se deu o grande terramoto de Lisboa? 1140, 1500, 1775 ou 1890?

F — Qual é a capital da Colúmbia?

G — É capaz de dizer como é a bandeira argentina?

H — Qual é o maior rio português que nasce e desagua em Portugal? O Cávado, o Mondego, o Guadiana, o Sado, o Lima ou o Minho?

I — Quando pesa mais uma



# ALGUMAS POESIAS

## EPIGRAFE

A sala do castelo é deserta e espelhada.

Tenho medo de mim. Quem sou? De onde cheguei?...  
Aqui, tudo já foi... Em sombra estiltizada,  
A côr morreu — e até o ar é uma ruína...  
Vem de outro tempo a luz que me ilumina —  
Um som opaco me dilui em rei.

Mário de Sá-Carneiro

## MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena,  
Quem passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa

## PERFIL

O pescador deseansa.

Debruçado

Sobre o rude tapete das amarras,  
Dorme à sombra das velas côr da cal.  
O peito cabeludo, bronzeado,  
Dedos fincados — curvos como garras —  
Na madeira comida pelo sal!

Em baixo, envinçados, sobre seixos,  
Gozam, na tarde quente, os seus desleixos,  
Alguns esfarrapados pelo vício...

E o perfil, duro e altivo, da barcaça,  
Lembra, aos olhos doridos de quem passa,  
Um ninho de água a abrir num precipício!

Miguel Trigueiros

## MIRAGENS

Voiteiam nos meus olhos esfingicos perfis  
De uiuos e procelas... Por vezes sou fantasma  
No rodopio louco de vozes ancestrais...  
Caminho quase só nos corredores do tédio  
E ergo do meu peito um fogo de renúncia,  
Num turbilhão de espasmos, sem cura e sem remédio.

E quando o mundo fala, perdido e desvairado  
De sonhos e cantigas, eu sinto no meu peito  
A voz que se renova em força e vibração...  
Caminho quase só nas bermas do perigo  
E sigo para o mar qual louco timoneiro,  
Banhando-me nas ondas que vejo e que persigo.

Depois... muito depois, eu fico-me a sonhar,  
Bebendo loucamente o Sol que se despede  
Numa poalha de oiro nostálgica de côr...  
E sigo quase só nas ondas e no azul  
Das águas que me levam aos mundos encantados  
De sereias formosas enleadas de tule.

Barcelos, 1/8/55 — (INÉDITO).

António Baptista

## CARIDADE

Imensa Torre de Babel de glórias  
Que chegavam ao céu... na fantasia,  
Nem sequer fez rumor quando abatia,  
Toda de fumo e sombras ilusórias.

Raras tragédias tais, que só vivê-las  
Consagra herói quem as merece aos fados  
Mais já não são, sobre esses nus tabladros  
Que uma comédia-drama sem janelas.

Venturas adiadas para além  
Das mágoas e venturas cá da vida,  
Como sequer sonhá-las a transida  
Alma que já nem mais que não ter tem?

Baixa, pois, esse olhar do azul celeste  
Demasiado vago, amplo e profundo:  
Uma esmola de amor por este mundo!  
— Sim! mas a mim que esmola deste?

José Régio

criança, ao nascer ou passada uma semana?

J — .....  
Homem dum só parecer,  
Dum só roseo e duma só fé,  
Dantes quebrar que torcer,  
Outra cousa pode ser  
Mas da Côrte homem não é.  
.....

Estes versos devem-se ao introdutor da Classicismo em Portugal. Qual é o nome desta grande figura das letras pátrias? Fernão Lopes, Gil Vicente, Sá de Miranda? Ou seria o Padre António Vieira ou Camilo Castelo Branco? E em que século se enquadra a sua obra literária? Será no século XVI, ou no século XIX?

L — Claro está que o leitor sabe muito bem que TALIA é a musa do teatro; mas se tivesse que reproduzir a sua estátua que colocava na sua mão? Um libreto, uma máscara, uma tocha, uma lira, um cenário ou um búzio?

M — E para finalizar, uma pergunta muito fácil: quem foi o autor de «Os Três Mosqueteiros»? Alexandre Dumas, pai, filho ou neto?

E aqui termina este primeiro passatempo, integrado no I Concurso oficial do «Boletim Social da TEBE». Com ele prestamos uma homenagem ao 2.º aniversário deste interessante e simpático mensário.

Prestando justiça, salientamos

o trabalho insano e constante, muitas vezes inglório, do seu Director e nosso prezado colega António Baptista, «alma-mater» desta publicação, que sendo para trabalhadores, é dirigida por um trabalhador que procura erguer mais alto e levar mais além o conhecimento das artes e das letras lusitanas.

Saudamos o seu Director-Honorário, e sócio-gerente da Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.ª Sr. Mário Campos Henriques, a cujo dinamismo e elevada compreensão das necessidades extra-fábrica, se ficam devendo as organizações já em movimento como sejam, o Clube Desportivo da TEBE, proprietário deste «Boletim», e em cujo seio se integram

já algumas modalidades desportivas de grande prestígio nacional e internacional e em franca organização o Centro de Alegria no Trabalho, que conta já com alguns motivos de interesse, como por exemplo a aquisição de uma máquina de projecção cinematográfica, a criação de um grupo cénico e de um coral orfeónico.

Como tudo isto foi feito para amenizar a vida dos trabalhadores da TEBE, fica bem neste Passatempo, criar-lhe um ambiente favorável e procurar que tudo seja integrado para cumprir o fim em vista, isto é

Tudo para os trabalhadores.

Tudo pelos trabalhadores.



# Boletim Social da Tebe

saúda efusivamente a distinta caravana  
que veio visitar as instalações da

## TEBE

e a cidade de Barcelos

As malhas

## TEBE

impoem-se pela perfeição do corte, pela qualidade da matéria prima empregada e ainda pela beleza do seu acabamento inconfundível.

A senhora distinta prefere-as, a senhora moderna adora-as e a mulher dinâmica e actual não conhece outras.

As malhas **TEBE** são macias, lindas, duma suavidade finíssima... Por estas razões entram em toda a parte: na casa do rico, do remediado e na do pobre.

**T** — Tinto que não desbota

**E** — Encanto e suavidade na côr

**B** — Belas em toda a linha

**E** — Elos distintos de bom gosto e perfeição

A **TEBE** fabrica bem e fabrica sempre.

Os tules **TEBE** são a transparência sublime da alvura imaculada da seda, nylon e algodão.



**F**INDOU mais uma época de actividade columbófila. Algumas palavras sobre ela não são de mais.

Já aqui dissemos, não há muito tempo, que o desporto columbófilo cá em Barcelos vive simplesmente dos praticantes da modalidade e de um número muito reduzido de amigos, que se não cansam de o amparar e acarinhar. É justo, portanto, que não nos esqueçamos de testemunhar a gratidão e o apreço em que temos o Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Duarte Veloso, a importante empresa «FIL» e a Direcção do Sindicato da Indústria Têxtil, que desde há anos, sem falhar um só, têm correspondido magnânimamente aos pedidos que a Sociedade Columbófila Barcelense lhes vem formulando. Oxalá que estes bons amigos do nosso desporto não deixem nunca de se lembrarem da Columbofilia barcelense e que as Entidades Officiais da nossa terra se não esqueçam de que a Causa do Pombo Correio, desde há muito, por Decreto, é considerada de Utilidade Pública.

## Columbofilia

(Alguns comentários à época que acaba de findar)

Falemos agora um pouco do que foi propriamente a Campanha de 1955.

O calendário da época, aprovado em reunião de todos os Delegados do distrito era já de si bastante extenso e difícil e encerrava com o sempre famoso concurso de Valência del Cid, que este ano redundou num autêntico desastre. Bastará dizer-se que o jornal «O Mundo Columbófilo» classificou esta prova de «o maior desastre dos últimos tempos». Cerca de metade dos pombos não regressaram e muitos, extenuados de cansaço e fome, foram agarrados a poucos quilómetros dos seus pombais. Uns deram em mãos amigas que os trataram e soltaram, outros perderam-se para sempre.

Quais as verdadeiras razões deste verdadeiro fracasso, levan-

do em conta a autêntica categoria dos pombos nortenhos, patenteada através de inúmeras provas difíceis que se realizam todos os anos?: as más condições atmosféricas... Só isso? Não o cremos e não resistimos à tentação de uma pergunta inofensiva: logo que a Federação Portuguesa de Columbofilia teve informações sobre a perda de pombos que se tinha em perspectiva porque não iniciou imediatamente uma campanha visando a recuperação dos pombos que se deixassem apinhar, servindo-se para isso dos jornais diários e até da Rádio? Ficaram-se na santa comodidade... e os pombos por lá ficaram vítimas das tais condições atmosféricas e de mais qualquer coisa que nós sabemos... Mas não falemos mais no triste Valência del Cid e lembremos apenas que

o primeiro pombo chegado a Barcelos foi comprovado às 8,10 horas, do terceiro dia da solta.

À parte este senão do último concurso, a época deste ano foi rica em surpresas e revelações e os tais «consagrados» tiveram que aplicar-se a fundo para se não verem desalojados das suas posições... Disputou-se—oferta da «FIL»—uma rica taça destinada a premiar o Campeão de 1955, que foi brilhantemente ganha pelo veterano José Beleza Moreira. Para os trofeus disputados nos concursos de Faro, Albacete e Valência del Cid contribuíram o Ex.<sup>mo</sup> Snr. João Duarte Veloso e a Direcção do Sindicato da Indústria Têxtil.

E pronto, o espaço deste «Boletim» é precioso e por isso não estamos dispostos a desbaratá-lo. Ficamos por aqui.

Que os columbófilos barcelenses se unam ainda mais, para bem do desporto nobre que com tantos sacrifícios praticam.

Até ao ano, Nada de desânimos!

SILVA

O presente número, de 24 páginas, foi composto e impresso nas oficinas da

## Tipografia «Vitória»

### Carlos Cardosa

RUA DO BONJARDIM, 551-571 — PORTO

Telef. 24955 (4 linhas) — Teleg. CARDO

FILIAL:

RUA DA TRINDADE, 20-2.º — LISBOA

Telef. 32801 — Teleg. LISCARDO

Anilinas e Produtos Auxiliares

Insecticidas e Fungicidas

Especialidades Farmacêuticas

Representante de:

J. R. GEIGY S. A.

BASILEIA — SUÍÇA

### Anilinas

— E —

### Produtos Químicos

PARA AS INDÚSTRIAS

### Nitramoncal (Linz)

Excelente adubo azotado para a Lavoura

### SOCIEDADE DE ANILINAS, L.<sup>DA</sup>

Rua José Falcão, 199 — Tel. 27547-8-9 — PORTO

LISBOA

T. Pedras Negras, 1

Telef. 29016

COVILHÃ

R. S. Tiago, 4-12

Telef. 33



## O homem... ente admirável

**E**U admiro a raça humana. Todos nos criticam por motivo da desordem que, dizem, temos semeado aqui e além e em toda a parte. Dizem até que somos uma nota discordante, dissonante na harmonia da Criação. Mas essa acusação só procede em relação a alguns breves períodos da vida do homem. Na realidade, através da marcha fecunda dos séculos, não fizemos desordem nenhuma. Pelo contrário, realizamos e estamos realizando obra superior, ao que é lícito esperar.

No princípio do mundo, encontramos-nos sózinhos, num vasto universo e não apenas nós, mas também os únicos seres vivos no planeta, capazes de perceber essa solidão.

Quando demos conta disso, encaramos a realidade e procuramos fazer algo de prático e de útil nessa emergência, nessa situação sem precedentes.

Antes de tudo, encontramos uma luz, um Deus e adquirimos um senso de direcção e um objectivo pelo qual se devia trabalhar. Procuramos estabelecer padrões para a vida em comum. Fizemos a descoberta revolucionária de que a bondade e a delicadeza são mais eficientes do que a força bruta. Nenhuma outra espécie descobriu essa verdade e a adaptou como sistema de conduta, prática e superior. Nós obedecemos aos nossos padrões ideais de maneira realmente notável. Somos honestos e leais na vida em comum, donde resulta que constitui chocante excepção a prática de uma desonestidade. Somos decentes em quase 99% dos casos, quando poderíamos facilmente descambar para a vilania.

Com o nosso passado e o nosso futuro envoltos em mistério e silêncio, compomos e assobiamos alegres melodias e os nossos pés bailam ao seu compasso. Eu gosto disso e admiro os que o fazem.

Sómente nós, entre as coisas vivas, descobrimos a Beleza, a amamos, criando-a para os nossos olhos e para os nossos ouvidos.

Sómente nós, entre as coisas

vivas, temos o dom de contemplar o ambiente que nos cerca, criticá-lo e torná-lo melhor.

Vendo que era necessário viver em comum, aos milhões, estabelecemos para nós sistemas de governo que abrangem vastas áreas geográficas. Concebemos um ideal de justiça e pretendemos estendê-lo a todos os homens.

Compreendendo que é necessário trabalhar para viver, trabalhamos com capacidade que ultrapassa a imaginação. Da terra, extraímos o alimento, que melhoramos de ano para ano, o calor e a luz. E desfrutamos milhares e milhares de produtos os mais engenhosos.

Todas as manhãs nos defrontamos com a necessidade de um novo dia de trabalho. Para esse dia marchamos alegres e bem dispostos, realizando esse trabalho com uma eficiência e uma perseverança de assombrar.

Com uma tenacidade, uma audácia e uma habilidade insuperáveis, inventamos maneiras de nos movimentarmos facilmente debaixo d'água ou nos caminhos do céu. Agora estamos contemplando com olhar inquiridor outros planetas, não só para realizarmos viagens interplanetárias, como ainda idealizando o lançamento de novos satélites com vista à possibilidade de novas descobertas científicas.

Nada será para espantar se, dentro em breve, começarmos a percorrer normalmente os espaços siderais.

Como poderei deixar de admirar tal creatura?

Sempre que enfrenta um obstáculo intransponível, uma barreira aparentemente insuperável, o homem atira-se ao trabalho e acaba por sobrepujar um ou outra. Se há limites para ele, ignoro onde ficam. Mas não acredito que os haja. Vejo o homem como o filho do universo que tem como herança a eternidade. Acho-o maravilhoso, sou seu devoto entusiasta. E, positivamente, orgulho-me de fazer parte da raça humana.

...Neto de Adão...

## MANUEL DE SOUSA LOPES

CASA FUNDADA EM 1927

Rua das Flores, 294-298 - PORTO

Telefones: Companhia, 23504 - Estado, 26

End. Teleg.: SEPO

# BOTÕES

marcados com

S.O.

N.B.

SEMPRE BRANCOS—NÃO ARDEM | CORES INALTERÁVEIS

## Hino à Terra

Do livro em preparação «GLEBA MATER»

A terra tem de tudo... amor, luta e pão.

A vida se resgata na sua imensidão.

A terra que o suor regou mesmo em delírio,

Prolonga-se na dor e floresce no lírio.

A terra que eu beijei cansado de lutar

Prolonga-se em mim mesmo e sempre a transbordar.

O trigo semeado na leira que rasguei

É um ósculo de luz que à terra copulei.

Depois... muito depois... a luta continua

Na sinfonia alada da força da charrua.

E o trigo vai gritando um poema de luz

A transformar-se em vida ao peso duma cruz.

Que o mundo vai sorvendo num sonho facetado

De tintas côr de fome que o traz acorrentado...

E a farinha cansada de luta repartida

Prolonga-se na carne e flutua na vida,

E tudo são vitrais partidos sem remédio

Na gleba dos meus sonhos sulcados só de tédio.

(Inédito)

António Baptista

# Empresa Têxtil de Barcelas, L.<sup>da</sup>

MALHAS

PASSAMANARIAS

BARCELOS

Telefones 8359-8411

PORTO

Telefone 22933



# Pintura Portuguesa

## Breves apontamentos sobre Malhoa

Entusiasmado com as obras que ia criando, resolve-se a concorrer à Exposição de Madrid para onde envia a *Seara Invadida*.

Malhoa fazia parte do Grupo do Leão, assembleia artística dos dissidentes, que ele fundara.

À medida que a sua produção artística aumentava, igualmente aumentava também a sua fama.

E assim, Malhoa, conhecido já no Brasil, recebe do Gabinete Português de Leitura, um convite para lá expor. Eis o artista a caminho do Rio de Janeiro, carregado de quadros, (112 segundo certos escritores) que por lá ficaram na sua grande maioria.

«Foi aclamado sócio honorário da Escola Nacional de Belas Artes que lhe dava o direito de fazer parte do Conselho Superior de Belas Artes do Rio de Janeiro».

Malhoa, felizmente para si, ainda viu a gratidão dos amigos e admiradores testemunhada numa significativa homenagem, que teve lugar em Lisboa, na Sociedade

Nacional de Belas Artes, a 16 de Junho de 1928. Aí foi exposta a sua obra.

Para esta significativa e justa homenagem formaram-se as seguintes comissões:

«A comissão de honra era presidida pelo ministro da instrução, Dr. Duarte Pacheco; a executiva pelo Snr. Jorge Colaço; a de contas pelo Dr. Eurico Lisboa; a grande comissão pelo Ex.<sup>mo</sup> Senhor: Dr. Egas Moniz». Além destas comissões outras se agregaram, como a de Caldas da Rainha e Figueiró dos Vinhos.

O trabalho oratório foi confiado ao insigne Dr. Manuel de Sousa Pinto que escolheu para tema do seu trabalho «MALHOA. O PIN-TOR E A SUA OBRA»:

### OBRA DE M. NOS MUSEUS

Museu de Arte Contemporânea: Descanso do modelo. Tela; O Homem de Gorro; Os bêbados;

Abóboras; Telas; Outono-Madeira; À Beira-Mar (Praia das Maças) Tela; Os Dois Amigos-Pastel.

Museu João de Deus: Amanhã os arranjarei (O mestre Escola) Tela.

Câmara Municipal de Lisboa: O Fado-Tela; a Partida de Vasco da Gama para a Índia.

Museu João Vasco — Viseu; À sombra da parreira, — Tela, Milho ao Sol, Madeira.

Museu da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro: Cócegas (Salon de 1905).

Museu de Artilharia: Infante D. Henrique; Camões, 5 cantos dos Lusíadas.

Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro: Pedro Alvares Cabral descobrindo o Brasil!

A obra de Malhoa é vasta e cheia da sua personalidade.

**Visado pela Comissão de Censura**

JOSÉ MALHOA, nascido nas Caldas da Rainha, em Abril de 1855, cedo sente uma inclinação especial para as artes, principalmente para a pintura.

Depois de frequentar a Escola Académica ouviu o conselho de um seu amigo, o grande entalhador Leandro Braga, que o incita a cursar as Belas Artes.

Malhoa matriculou-se na Academia das Belas Artes e depressa se alcançara como artista de méritos extraordinários, ganhando, todos os anos, o primeiro prémio.

Mas além de ser artista também foi caixeiro numa loja de chapéus pertencente a um seu irmão.

Porém o artista, sente-se deslocado nesta segunda carreira e pensa, de novo, que o seu destino, a sua vida, era a pintura e para a pintura, pelo que nos surge agora na ânsia incontida de criar beleza; mas uma beleza com um cunho pessoal e imorredouro.

Mas como nem sempre os seus quadros tinham a aceitação do grande público teve de trabalhar para revistas e jornais e, ao mesmo tempo, ia sonhando voar mais alto. Dedicou-se também a leccionar... deixando na gente moça do seu tempo o respeito e a estima, porque além de artista era uma bela alma.

## Breves apontamentos sobre Augusto Gil, ou, melhor, Augusto César Ferreira Gil

(1873-1929)

QUANDO a minha alma se abre na contemplação da obra de Augusto Gil, algo de novo se renova como se o Poeta se multiplicasse a cada passo.

É que, em Augusto Gil, cada quadra que leio, cada soneto que sorvo, são sempre novos e belos, são sempre agradáveis e interessantes.

É que a lírica e sátira se entrelaçam numa afinidade tão certa e tão humana que a ironia e a ternura caminham lado a lado, na certeza positiva de um entendimento que, longe de nos aborrecer, nos encanta e nos prende.

O Poeta era filho de D. Maria Ferreira Gil e nasceu na freguesia de Lordelo do Ouro, do bispado do Porto aos 31 de Julho de 1873.

Na Guarda passou grande parte da sua vida; a sua infância foi embalada pela sinfonia da neve nas canções sublimes que a natureza oferece.

Na cidade da Guarda passou a sua primeira mocidade, aquela mocidade que marca nos olhos e na alma os quadros, as paisagens e os costumes que hão-de, depois, perdurar pela vida fora. Portanto, foi a Guarda, a terra mãe do Poeta, foi a Guarda que lhe mostrou com toda a sua grandeza as belezas que encheram a alma de Augusto Gil e que Augusto Gil legou a toda uma literatura.

Na Guarda, portanto, viveu o Poeta a sua mocidade, aquela mocidade ridente de vida, pujante de seiva e que os anos e a existência e a saudade do clima não mais, nunca mais deixam esquecer.

A Guarda viveu sempre na alma do Poeta e o Poeta, embora longe, tinha a alma na Guarda. São assim os Poetas, são assim os seus sentimentos, são assim as suas inclinações.

Na Guarda também Augusto Gil foi Governador Civil; mas foi sobretudo e principalmente Poeta. É quando se fala de Augusto Gil o que domina o nosso cérebro não é o Governador Civil mas tão somente o autor do «Luar de Janeiro», O Canto da Cigarra, do Craveiro da Janela, da Avena rústica, da Alba Plena, da Sombra de Fumo»; sim! quando se evoca o nome do Poeta, da nossa alma salta o seu mundo de cantigas, tão harmoniosas e belas e tão simples, tão aparentemente banais; mas todas elas impregnadas de uma pujante inspiração, dum lirismo fecundo e de uma ironia doce, que encantam e, por vezes, embalam.

As crianças dizem os seus versos com uma harmonia casta e os velhos, nas noites de inverno, à lareira, recordam as suas lendas e cantigas.

Os versos do Poeta ultrapassam fronteiras, porque a arte, no seu sentido puro não se limita nem jamais se deixará limitar... É nossa e do mundo.

A arte, nomeadamente, a poesia, é a comunicação da alma com a natureza mãe, é o grito fecundo e pujante que salta naturalmente dos nossos sentidos para se perder, depois, nas encruzilhadas do tempo.

Na Guarda passou o Poeta a melhor quadra da sua vida, lá casou e, finalmente, lá também, lhe consagraram a sua admiração num monumento simples; mas sóbrio, onde o Poeta se perpetuou no tempo com a saudade viva do passado.

É que Augusto Gil considerava a Guarda como parcela sagrada da sua inspiração, e a neve, a neve branca, batida pelo vento e aureolada pelo Sol era o pano de fundo dum cenário manchado de verde escuro, castanho e cinzento, que serviria sempre de aquarela aos seus quadros em versos, que o povo diz com religiosa harmonia e as crianças balbuciam com encantadora devoção.

Augusto Gil legou à nossa literatura versos que o povo simples sabe cantar, quadras que giram de boca em boca, como se cada palavra fosse arrancada, com celestial harmonia, à voz singela do povo bom, à voz sã do povo das nossas Beiras.

Augusto Gil nem sempre viveu na Guarda, ou melhor, nem sempre permaneceu na Guarda.

Em Lisboa advogou no escritório de Alexandre Braga e em 1911 foi nomeado Comissário de Polícia de Emigração. Neste lugar se conservou 7 anos. Mais tarde escolheu o ministério da Instrução Pública onde lhe entregaram a Direcção Geral das Belas Artes. Mas o Poeta nunca chegou a tomar conta do lugar.

A sua inspiração fecunda, o seu poder de realização, a sua lira sempre gritante de beleza deram-lhe um lugar de relevante projecção na vida intelectual portuguesa.

Foi sócio correspondente da «Academia de Ciências de Lisboa, Grande Oficial da Ordem de S. Tiago da Espada e Comendador da Ordem da Coroa da Bélgica». Era, sem favor, uma figura simpática e uma figura de relevo na vida intelectual portuguesa.

Casou-se com a Snr.<sup>a</sup> D. Adelaide Patrício Gil, irmã do dramaturgo Dr. Ladislau Patrício, figura de marcante projecção e que tem o seu nome ligado, profundamente ligado, à cidade da Guarda.

A vida e a obra do Poeta podem ser consultadas, entre outros, nos seguintes trabalhos:

«Vol. da Antologia Portuguesa, organizada por Agostinho de Campos; Dicionário bibliográfico português, continuado por Gomes de Brito e Alvaro Neves; Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiras; Bulhão Pato — memórias; Quadrinhos de Outras épocas; Sumário de várias crónicas.

A. B.



# Barcelos -- Rainha do Cávado

(Continuação da página 5)

O turista ao entrar em Barcelos sente uma ânsia natural de aqui se demorar algum tempo... Tem muito que ver, tem muito que ouvir e depois, só depois poderá levar que contar.

A ponte sobre o Cávado que não é de origem romana como julgam alguns senhores, é, sem favor, bastante típica e graciosa. Mais adiante podemos admirar os Paços, a Colegiada, o Solar dos Pinheiros, o Pelourinho (estilo gótico), o Púlpito de Nossa Senhora do Terço (obra em talha dourada) séc. XVIII, o Templo do Bom Jesus da Cruz, reconstruído em 1705, tendo duas cartouches cada qual do lado da porta principal com os seguintes dizeres:

«EXTRUCTUM ANNO MDIV» (à esquerda) e a da direita «AMPLIATUM ANNO MDCCV» (edificado no ano de 1504 e aumentado no ano de 1705).

Porém o que mais interessa ver no Templo do Senhor da Cruz é a imagem do Senhor dos Passos, que é uma maravilhosa escultura italiana, na base da qual está escrito o nome do seu autor:

«GIUSEPPE BERARDI. SCULPI IN ROMA 1875»

Além destes monumentos outros surgem a cada passo, deixando o turista com a certeza que Barcelos é uma cidade de grande desenvolvimento.

A sua feira semanal e a sua indústria muito concorrem para o seu melhor conhecimento.

António Baptista

## Cávado

(Continuação da página 5)

suas margens, autênticos mananciais de frescura e sombra, cativam e prendem lá uma grande parte dos barcelenses. Acabados que são, os afazeres cotidianos, ei-los à beira rio (ou dentro dele), a procurarem alívio para os implacáveis raios solares desta época.



BARCELOS — Panorama de Barcelinhos

Uns 800 ou 1000 metros percorridos, eis-nos na Barca do Lago. Toda a policromia do Cávado se reúne nesta grande bacia líquida, que deu o nome a este lugar, da freguesia de Gemeses, do concelho de Esposende.

Ao fundo um moinho de vento, sobressai no tom verde escuro das margens, à direita a capelinha rústica e à esquerda o pinheiral, aliam-se para emprestar ao ambiente uma nota que jamais esquecerá ao turista, que neste ambiente se alheia por completo da vida, para admirar quanto é belo o que nos rodeia, embora não lhe liguemos importância, na marcha materialista em que caminhamos, para um futuro que é certamente uma incógnita.

Valdo Rio

No próximo número faremos, com a devida deferência, uma reportagem completa da festa (recepção) em honra dos Gerentes comerciais e seus colaboradores da praça de Lisboa. Boletim Social da TEBE deseja-lhes **óptima viagem.**

## Só para operários...

○ que vão ler não representa vaidades ou modéstia...

Surpreendido aos 8 anos pela morte de meu Pai, que era veterinário como o Dr. João Beleza, passei na minha meninice maus bocados.

Saído muito à pressa das primeiras letras... do A B C, entrei como aprendiz de tipógrafo para uma oficina.

Não havia, como agora, as oito borinhas e nem o fim de semana...

Começava a tarefa no Sábado de manhã e prolongava-se até à madrugada de domingo!

Como que providencialmente caiu-me nas mãos um livro que devia haver em todos os lares, escolas e fábricas: «O Poder da Vontade». Foi na minha infância de uma proveitosa influência e progressiva.

Aproveitava todas as oportunidades para me instruir. Deu-me na venêta estudar o francês sem mestre. E mal imaginava que muito mais tarde me havia de ser proveitoso na vida prática. Falando-o «patrioticamente mal» pude ser compreendido durante bastante tempo, na Alemanha, quando pertencia à direcção da «Barcelense», em incumbência de responsabilidade que me confiou o Meu Generoso Amigo João Duarte.

Ainda nas horas de folga, mercê da bondade do Dr. Rodrigo Velloso, senhor da maior biblioteca particular do Minho, muitos livros devorei, maxime de sermonaria, que me instruíram alguma coisa sobre português.

Mantive desde tenra idade paixão pelo teatro, que tão proveitoso, quando bom, é para o desenvolvimento da criatura.

Em desportos fui sempre muito brando. No tempo da caça só era forte na época das sombrias, matando-as com um esguiche de carregar pela boca. Com um rosário delas pelava-me para comer uma arrosada... Numa tarde, na Apúlia, acompanhei o saudoso Visconde da Fervença às codornises. Deu trinta tiros (isto é verdade) e caíram 32, pois duas morreram de um só tiro. Por modéstia nem uma chumbei... por modéstia...

No antigo Ginásio Barcelense fui um barra em trapésio, distinguindo-me num espectáculo por uma torcedela num pé...

Uma preocupação tive sempre, a de manter as melhores relações. Ainda operário tinha as portas abertas das casas da melhor sociedade barcelense.

Duas personalidades me instruíram nas boas maneiras de viver: a Senhora D. Adelaide Malheiro Novais e o Comendador Joaquim Pais. Gente que sabia das boas regras!

Quero com estas linhas dizer aos que moirejam nas oficinas que com o poder da vontade podem suavisar a vida e reluzir!

A. Soucasaux

## ALJUBARROTA

○ fraco rei D. Fernando morrera sem deixar nenhum filho varão. A rainha viúva, a volúvel D. Leonor Teles a amásia do Conde Andeiro tomou conta da regência para depois fazer aclamar rainha de Portugal sua filha D. Beatriz, casada com D. João I de Castela.

O Povo, que foi e há-de ser sempre a alma das nacionalidades temendo, e com forte razão, a perda da liberdade e da independência, revolta-se contra a prepotência da rainha e une-se em trono do seu idolo, o Mestre a Aviz.

Este vai ao paço, mata o repugnante Andeiro e em seguida é aclamado regente do reino.

O rei de Castela, querendo fazer vingar as suas pretensões, cercou Lisboa e mandou invadir-nos pelo Alentejo.

O cerco de Lisboa é levantado e no Alentejo, as tropas castelhanas são derrotadas pelos portugueses nos Atoleiros sob o comando de Nuno Alvares Pereira.

Mas Castela não desarma. Agora vamos lutar em Aljubarrota.

São 6.000 portugueses contra 36.000 castelhanos.

Estamos em 14 de Agosto de 1385, faz 570 anos.

Os dois exércitos estão frente a frente. Põem-se em marcha e chocam-se.

A sorte pende para Castela, mas o Mestre de Aviz, Nuno Alvares Pereira e Men Rodrigues, com a sua formosa ALA DOS NAMORADOS, esse punhado de moços guerreiros, que se deixavam morrer pelas suas damas, num arranco heróico mudam, de repente, a face aos acontecimentos.

O exército de Castela é derrotado, e o seu rei, como diz o nosso Grande Épico:

«O campo vai deixando ao vencedor,  
«Contente de não lhe deixar a vida;  
..... e o temor  
«Lhe dá, não pês, mas asas à fugida.»

E com este feito grandioso da nossa História, consolidamos a independência de PORTUGAL, que um rei inépto e uma rainha disoluta puzeram em jogo.

Ao dedicarmos estas humildes palavras à data histórica, lembramos aos Pinhelenses que os terços da nossa terra lutaram com valor e heroísmo em Aljubarrota e que o falcão, timbre que Pinhel usa nas suas armas, foi por eles, tomado ao rei de Castela.

É desde essa época que Pinhel se orgulha com a legenda: «PINHEL, FALCÃO, GUARDA MOR DE PORTUGAL».

Um Pinhelense

A  
**Casa das Móbilias**  
é na  
**Avenida Dr. Oliveira Salazar**



## Página dum Diário

Por JERÓNIMO F. DA SILVA

**A** CORDEI! O sol rompia as toscas janelas de meu quarto.

A manhã estava fria, duma luminosidade admirável!

Céu limpo, dum azul maravilhoso!

No meu quarto de trabalho uma rapariga de corpo franzino, entregou-me uma carta. Esperava-me havia poucos momentos.

Com a gorgeta despedi-a e abri, com curiosidade, a carta, de papel ordinário e amarrotado, que dizia:

—Mando-lhe esta «página do meu diário» porque a amizade e consideração que teve para comigo na última noite, exige que o faça. A folha que vai ler é uma verdade duma carta que não chegou a ser entregue, como muitas outras.

Menina Maria, escrevo-lhe, e não é a primeira vez que o faço. Uma forte timidez apodera-se de mim, fazendo com que desista todas as vezes que lhe escrevo. Desta vez o sangue escalda-me nas veias e não desanimo no meu propósito.

Enquanto escrevo, no rádio ouço uma música que me faz sonhar, sonhar sem fim...

Quando pela primeira vez estive consigo, respirando o mesmo ar, falou-me de si. Nesse momento, qualquer coisa estranha me fez estremecer... e os meus olhos viram aquela mulher que há tanto ansiava encontrar. E hoje tinha-a à minha frente. Era você sem dúvida; mas não tive coragem para lhe falar, para lhe dizer que a amava, que a queria para mim... e nessa noite, depois de conversarmos, prometeu-me um encontro.

Saí da sua beira.

Na rua, por entre a escuridão, as luzes cintilavam. Algumas pessoas passeavam.

Idealizei-a, então, na praia, ao meu lado, muito perto às ondas, que mansamente nos vinham beijar os pés descalços.

Beijavamo-nos!...

Os seus cabelos expostos à fúria do vento, ondeavam belos. Parecia-me uma deusa saída das fúrias do Oceano.

O Sol já principiava a esconder-se, continuando ainda a espreitar-nos.

(Continua na pág. 22)

## José Correia Ramos

PEROSINHO-CARVALHOS-GAIA

TELEF. 20-CV

Fabricante de máquinas e acessórios para a indústria têxtil.

Especialidade em fabrico de teares de fitas e batentes de caixão até 4 lançadeiras, direitas ou circulares.

## Boletim Social da TEBE

é feito nas horas vagas da vida profissional, por trabalhadores, para trabalhadores.

As malhas **TEBE** caminham na vanguarda... São as melhores, as mais bem acabadas...

As malhas **TEBE** dispensam reclames aparatosos.

O nosso exclusivo ACABAMENTO FIXAFIL não encolhe

S. Mamede de Infesta

End. Teleg. FIL

Apartado 12

S. Mamede de Infesta

Telefones { 171  
172

## FIL-fiação do Leça, Limitada

RUA DE SANTOS DIAS — S. MAMEDE DE INFESTA

PORTUGAL

FIAÇÃO — TECIDOS — ACABAMENTOS

**ESPECIALIZADA EM ACABAMENTOS**

COM A MAIS MODERNA INSTALAÇÃO DO PAÍS

Branqueação — Mercerização — Tinturaria — Estamparia — Cardação — Flocagem — Pulverização

Acabamento anti-ruga e acabamento FIXAFIL

PARA

Nylon : Algodão : Seda : Mistos : Tecidos e Malhas

Exija FIXAFIL — não encolhe.

Exija FIXAFIL — não encolhe.

N. B. — Todos os acabamentos feitos na nossa Fábrica são marcados nas ourelas.



# M. CARVALHO D'ABREU

686, Rua Santa Catarina, 692

## Porto

TELEFONES { Escritório : 27340  
Residência : 22841



Lãs, Máquinas Têxtis e de Malhas  
e respectivos acessórios

# A MUNDIAL

## COMPANHIA DE SEGUROS

LISBOA: Largo do Chiado, 8

Telefone 30/94/5/6/7

Telegramas: MUNDIAL

PORTO: Praça Guilherme Gomes Fernandes, 10

Telefone 25977/78/79

CAPITAL E RESERVAS

241 MIL CONTOS

## Mais um aniversário

ESTÁ de parabéns o nosso «Boletim Social», parte viva do espírito, que nos prende e nos encanta.

Jornal de trabalhadores para trabalhadores guindou-se à custa de sacrifícios e canseiras do seu director e administrador, Sr. António Baptista, que é, sem favor, o incansável trabalhador deste mensário, que tanto nos educa e sensibiliza o nosso espírito.

As directrizes adoptadas neste «Boletim» não são indiferentes dos trabalhadores da Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.<sup>a</sup> (TEBE), que verão nele, hoje e sempre, um jornal de pura formação moral, educativa e instrutiva.

Está pois de parabéns a digníssima Gerência da TEBE por ter acarinhado e autorizado a fundação de tão útil jornal.

Por este motivo, não quero deixar de apresentar os meus mais sinceros parabéns ao digníssimo e Ex.<sup>mo</sup> Director Honorário Sr. Mário Campos Henriques, bem como a todos que no «Boletim» colaboram, aproveitando o ensejo, também, de fazer votos para que o nosso «Boletim» faça muitos mais anos repleto das maiores prosperidades.

Do trabalhador

M. Gonçalves

Barcelos, Agosto de 1955.

## Salvé o Porta-voz de Deus, Pátria e Família

Por MANUEL CELSO CUNHA

TRANQUILO, sereno em suas linhas, atraente e singelo, marcando uma intenção real e pura, o «Boletim Social da TEBE», a que me refiro, é bem um jornal de trabalhadores para trabalhadores e marca sempre o seu lugar, lugar de relevo, na imprensa portuguesa.

Faz neste mês precisamente dois anos de vida que o «Boletim Social da TEBE», dirigido pelo Snr. António Baptista, poeta talentoso e insigne escritor, se propôs seguir um rumo que se traduzia nestas palavras: *Deus, Pátria e Família*.

O «Boletim Social da TEBE» é e será sempre um rasto de luz neste mundo cheio de incertezas e de lutas. Neste «Boletim», onde o espírito dá mãos com a graça e a ironia fina, vê-se que existe um critério bem elaborado na escolha e preferência dos colaboradores e da colaboração.

Desde a primeira hora que estou ao lado deste «Boletim» porque encontro nele algo de agradável e salutar para a inteligência e para alma.

Agora, como colaborador desinteressado, eis-me a deixar nele o pouco do meu sentir e do meu sonhar.

Nota-se em cada página do «Boletim» uma certeza na aliança dum desejo de acertar... e acertar bem.

Porém, compreendemos perfeitamente os muitos desgostos, canseiras, incompreensões e dissabores que o seu director, nosso particular amigo, há-de ter... Eu sei! A vida dos homens de iniciativa é, quantas vezes, um tapete de espinhos e traições.

O que é preciso é ter fé e saber esperar. A justiça certamente que um dia há-de vir à luz da verdade...

Portanto, na qualidade de admirador do «Boletim», quero encerrar estas linhas para tributar a todos que nele escrevem, mas principalmente ao seu director, os meus parabéns mui sinceros por mais este aniversário vaticinando-lhe outros mais com mais grandeza, com mais carinho e com mais compreensão.

Aceite pois o meu preito de grande admiração e estima.

## Página dum Diário

(Continuação da página 21)

Corremos de mãos dadas numa louca alegria... Cansados, deitamo-nos na areia, peitos a arfar, pela fadiga e pela felicidade que nos inundava o ser.

Apertei-a em meus braços. Não resistiu, e colamos os nossos lábios, sensuais e plenos de desejo, e esquecidos do mundo, assim nos mantivemos até que o Sol, morrendo, nos deixou discretamente no lusco-fusco do entardecer.

Dois barcos passavam ao longe, muito silenciosos, riscando no espaço rolos de fumo escuro.

Viamo-nos embora, passando pela multidão que nos olhava com inveja da nossa alegria e felicidade. Separámo-nos cheios de saudades duma tarde maravilhosa e bem passada.

Julgando que este sonho se tornava realidade, ainda cheio de ilusões, parti como tínhamos combinado.

Percorri de novo os lugares onde estivemos, quando a idealizei, numa louca esperança de encontrar de novo, mas impossivelmente vagueei, até que cansado e desmoralizado, à minha mente veio a forte e imperiosa necessidade de partir...

Barcelos — 1955

Use só malhas TEBE!...

Usando-as uma vez, não mais quer outras.



# Companhia Industrial de Fibras Artificiais

S. A. R. L.

FÁBRICA:

SEDE:

**Sobrado - Valongo**

**R. do Almada, 262**

Telef. — SOBRADO 2

Telef. 28083 — PORTO

Produtor das

**MARCAS REGISTRADAS**



FIOS DE RAIONE VISCOSE  
BRILHANTE E MATE PARA  
TECELAGEM, MALHAS, MEIAS, ETC.  
EM QUALQUER APRESENTAÇÃO.



FIOS DE RAIONE VISCOSE TINTOS  
NA MASSA COM ABSOLUTA SOLI-  
DEZ DAS CORES.



PELÍCULA CELULÓSICA TRANS-  
PARENTE EM VÁRIAS ESPESSURAS,  
ROLOS E FOLHAS.



FIBRAS ARTIFICIAIS CORTADAS  
BRILHANTES E MATES PARA TODOS  
OS FINS.

Saúda os seus Ex.<sup>mos</sup> Amigos e Clientes



**P**OR aquele morto não dobraram os sinos grandes. Pouca gente deu por aquele enterro. Era um enterro pobre, talvez o mais pobre que se pode imaginar: só um Capuchinho já velhote, de longa barba branca a repousar na barriga saliente, mastigando de longe a longe uma frase em latim, parecia dar alento ao rapazito e aos quatro homens rotos, pobretanas, que puxavam a carreta com visível esforço. E eis todo o séquito.

Seguia rapidamente, como se envergonhado da sua pobreza e insignificância. A quebrar o silêncio só o latim do Capuchinho.

Uma rabanada de vento frio arrepiou a careca daquele sujeito gordo que a uns duzentos metros parecia analisar compadecido a miséria daquele enterro.

«— Quem morreu?»

«— Não sei.»

O funeral parou lá mesmo ao cimo da rua. Um dos homens respirou fundo e deixou que de um dos olhos lhe brotasse a única lágrima que talvez tivesse para chorar naqueles tempos mais próximos.

«— Como ele pesa! Enal...»

«— Vamos! Isto não anda com lamúrias.»

O Capuchinho, os quatro homens e o rapazito, reataram a marcha.

A noite aproximava-se, e os sinos grandes continuavam silenciosos, sem dobrarem por aquele morto!

.....  
Tone Tolo era um homem de avantajadas proporções físicas. Nele realçava um pescoço de touro e a barba desmedidamente crescida onde os piolhos vermelhos e inchados faziam centro de procriação. Mas o mais característico em Tone Tolo eram os seus grandes olhos negros, nostálgicos e bons. Vestia-se de farapos, embora não faltasse quem lhe oferecesse calças, casacos e sapatos usados. O largo peito peludo andava sempre nú. Havia quem dissesse que o Tone Tolo comia muito. Seria verdade?

Na cidade e mesmo nas aldeias, por mor das suas andanças em busca de uma côdea, quase todos o conheciam. E o seu físico, contrastando com a fome que passava, era um quebra-cabeças para muita gente. Mas, apesar de quase todos o conhecerem, ou todos o conhecerem (o mais certo era ninguém o conhecer...), não existia ninguém que se ufanasse de ter desvendado o mistério onde se envolvia a história do Tone Tolo! Mistério! Quem era e de onde viera, constituía segredo que o Tone Tolo nunca havia revelado, e que agora também não revelaria; ou a terra fria do cemitério não lhe houvesse já comido os ossos.

Estranho caso este de ninguém, ninguém ter conhecido a história do Tone Tolo. E não se desconhecia porque o Tone Tolo a não tivesse. História todos nós temos! Até os bichos a têm... e há sempre alguém que conheça a nossa

# “TONE TOLO”

Conto de Fernando Lopes e Alberto Andrade

história e a história dos bichos também. Mistério. Pobre Tone Tolo dos grandes olhos negros nostálgicos e bons!

«— Ó Tone, queres um cigarro?»

Tone Tolo levanta os grandes e belos olhos negros que as sobrelhas espessas não conseguem esconder. Não diz que sim, mas abana com a cabeça em sinal de assentimento. Depois, tímido, leva o cigarro aos lábios, com imenso cuidado, e puxa fumaças curtas e rápidas.

«— Tone, conta coisas... Sempre é verdade?»

Mas o Tone não conta. Baixa os olhos com mais lentidão e tris-

teza do que quando os levantou. Mira o cigarro cheiroso que já vai em meio, apaga-o com a facilidade de quem faz aquilo há muitos anos, e fá-lo desaparecer em seguida num bolso que só ele conhece. No dedo mínimo fica colada, por momentos, a brasa do cigarro, mas a brasa do cigarro não queima o dedo do Tone Tolo, porque o dedo tem calo, calo como o Tone Tolo.



tolo, cansado até de apanhar pontas de cigarros às portas dos cafés. Há qualquer coisa de novo dentro dele. Qualquer coisa que ultimamente o vem tornando leve, como um cabelo solto no ar. O Tone Tolo cansou-se, cansou-se da fome, do frio, do sol amigo a que gostava de aquecer-se logo que começava a levantar-se na parte leste da cidade. O Tone Tolo cansou-se, cansou-se dos fatos e sapatos usados, dos cafés que os homens caridosos lhe pagavam. Fecharam-se-lhe para sempre os grandes e belos olhos negros que as sobrelhas espessas não conseguiam esconder. A última porta, uma porta feita de terra húmida, fecundante e boa, fechou-se sobre a vida vaga-

bunda duma loucura que não passava de infinita paciência, de infinita bondade! — Tone Tolo morreu. Morreu sem história, sem mesmo uma história igual à que os bichos têm...

Era um homem de proporções físicas avantajadas e pescoço de touro, mas veio um manto de neveiro branco como um lençol lavado que o corpo de Tone Tolo nunca cobriu, um manto de neveiro fechado e frio naquela noite em que ele dormia sem mesmo ter por telhado as estrelas, — e o manto de neveiro compadeceu-se do Tone Tolo aproximou-se dele, afagou-o, beijou-lhe o cabelo e a barba, sem nojo de piolhos, tal como fazem os Santos aos leprosos e, cobrindo-o, fez com que o Tone Tolo não mais acabasse aquele sono.

E ninguém conhece a história do Tone Tolo. Nem mesmo os sinos grandes, pois não dobraram por ele! Nem mesmo aquele sujeito gordo a quem a rabanada de vento arrepiou a careca...

«— Quem morreu?»

«— Não sei.»

Ninguém sabe. Tone Tolo não tinha história — nem mesmo uma história igual à que os bichos têm...

A Terra, a única que conhece a todos na hora que todos têm abriado o seu seio àquele caixão barato, forrado toscamente com um pano branco.

A ladainha do Capuchinho já velhote escoou-se por entre aqueles aglomerados de campas e cruzes, e o Tone lá ficou.

— Requiescat in pace.

— Amen.

Dias depois um generoso perguntava pelo Tone Tolo para lhe oferecer uns sapatos já velhos:

«— O Tone Tolo?»

«— Ah! aquele que comia muito?»

«— Sim.»

«— Parece que morreu.»

«— Coitado! Eram velhos, as solas já estavam rotas, mas...»

«— Sim, parece que já não come mais.»

«— A propósito, que dizes a isso?»

«— Ora, nada.»

## Alguns pensamentos sobre o orgulho

Orgulho humano, qual és tu mais? — feroz, estúpido ou ridículo.

A. Herculano

O orgulho é a última coisa que morre dentro de nós.

Laboulaye

O orgulho, levado a certo ponto, torna-se demência. Altera e corrompe o espirito até profundidades insondáveis.

F. Charney

Nada desperta mais orgulho num filósofo do que uma boa máxima... que ele tenha escrito contra o orgulho.

E. Wertheimer

O orgulho do sábio é humilde ao lado do orgulho do ignorante.

H. Spencer

O orgulho é a fonte de todas as enfermidades, porque é a fonte de todos os vícios.

Santo Agostinho